



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH CAMPUS VI
CURSO EM LETRAS E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

MARIA LUIZA DA SILVA CARDOSO

**SOB O OLHAR DO CURRÍCULO E DOS DISCENTES: a literatura clássica e a
literatura popular na Licenciatura em Letras da UNEB**

CAETITÉ- BA
2018

MARIA LUIZA DA SILVA CARDOSO

**SOB O OLHAR DO CURRÍCULO E DOS DISCENTES: a literatura clássica e a
literatura popular na Licenciatura em Letras da UNEB**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC
apresentado ao Colegiado de Letras da
Universidade do Estado da Bahia, Departamento
de Ciências Humanas- DCH, Campus VI, para
obtenção de título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Ms. Ginaldo Cardoso de Araújo
Coorientador: Rogério Soares Brito

**Universidade do Estado da Bahia
Sistema de Biblioteca**

Ficha Catalográfica- Produzida pela Biblioteca Edivaldo Machado Boaventura

Cardoso, Maria Luiza da Silva.

SOB O OLHAR DO CURRÍCULO E DOS DISCENTES: a literatura clássica e a literatura popular na Licenciatura em Letras da UNEB / Maria Luiza da Silva Cardoso. - Caetité, 2018.

71 f : il.:

Orientador: Ginaldo Cardoso de Araújo

Coorientador: Rogério Soares Brito

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas, 2018

1. Ensino de literatura. 2. Literatura Clássica. 3. Literatura Popular. 4. Currículo. I. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.

CDD: 410

FOLHA DE APROVAÇÃO

MARIA LUIZA DA SILVA CARDOSO

SOB O OLHAR DO CURRÍCULO E DOS DISCENTES: a literatura clássica e a literatura popular na Licenciatura em Letras da UNEB

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC apresentado ao Colegiado de Letras da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas- DCH, Campus VI, para obtenção de título de Licenciada em Letras e Literaturas de Língua Portuguesa, á comissão julgadora da Universidade do Estado da Bahia- UNEB, Campus VI.

Aprovada em: _____ / _____ / _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^o.Ms. Ginaldo Cardoso de Araújo - UNEB
(Orientador)

Prof^o. Rogério Soares Brito - UNEB
(Examinador 1)

Prof^a. Rozânia Alves Magalhães - UNEB
(Examinador 2)

CAETITÉ – BA
2018

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, aos meus amados pais Maria Nilza e Joaquim; meu irmão Júnior, minhas irmãs Poliana, Cristiana, Maria Paula e Marilene; aos meus queridos sobrinhos Victor Gabriel, Wagner Kleyson, Marley Guilherme, Victória Kelly, Larissa; ao meu orientador Ginaldo e ao professor Rogério.

“[...] aqueles que esperam no Senhor renovam suas forças. Voam alto como águias; correm e não ficam exaustos, andam e não se cansam.”
(ISAÍAS 40:31)

AGRADECIMENTOS

Agora posso dizer o que era apenas um sonho, um alvo a alcançar, uma batalha pra vencer, se tornou realidade. Enfim... Mas uma etapa concluída, depois de uma longa jornada de estudos e dedicação, só resta agradecer a todos que contribuíram direta ou indiretamente para essa realização.

Agradeço em primeiro lugar a *Deus*, o senhor de infinita bondade e de tão sublime amor, pelo dom da vida e por ter me concedido a graça de concluir este trabalho!

Agradeço aos meus amados pais, *Joaquim* e *Maria Nilza*, exemplos de fé, honestidade e superação, que desde cedo me instruíram a reconhecer que estudar é o melhor e mais eficiente caminho a seguir, especialmente quando as condições econômicas não permitem contemplar-nos com tudo que almejamos. Sempre dizia que nós (eu e meus irmãos) poderíamos ter ou não muita coisa, mas que bastasse ter Fé em Deus, respeito, humildade e uma boa dose de conhecimento, pois, caso algum dia viesse a nos tomar o que tínhamos, podia levar quase tudo, mas nossa dignidade e o saberes adquiridos jamais seriam tirados de nós!

Agradeço as minhas irmãs *Poliana*, *Cristiana*, *Maria Paula*, *Marilene* e meu irmão *Júnior* pelo apoio incondicional, que com carinho e motivação inspiraram-me a continuar lutando dia após dia!

Agradeço aos meus pequeninos e queridos sobrinhos, *Victor Gabriel*, *Wagner Kleyson*, *Marley Guilherme*, *Victória Kelly* e *Larissa* que em meio às tristezas, angustias e dificuldades foram meus anjinhos da guarda, que com tão sublime amor, sempre me incitaram a sorrir em meios às tempestades da vida e a cada minuto que passamos juntos!

Agradeço aos meus avós *Augusta*, *Sebastião*, *Celso* e *Ivanilde* (os três últimos *in memoriam*) pelo incentivo e pela confiança depositada em mim!

Agradeço a minha cunhada e aos meus cunhados, tios e tias, primos e primas pela motivação de sempre!

Agradeço ao meu orientador *Ginaldo Araújo*, pela confiança, dedicação e pela disponibilidade de sempre! A competência e o profissionalismo demonstraram que és realmente um verdadeiro mestre, sinto-me lisonjeada pelas orientações e ensinamentos!

Agradeço a todos os professores, que ao longo dessa formação plantaram uma sementinha em meu jardim, tenha certeza que continuarei a regá-la e toda vez que florescer distribuirei flores a vocês em sinal de minha gratidão. Agradeço especialmente ao mestre *Rogério Soares*, pelas grandiosas contribuições e ensinamentos, que de maneira simples e humilde sempre me incentivou lutar pelos meus objetivos!

Agradeço de maneira esplendorosa aos sujeitos da pesquisa pela disponibilidade e pela valiosa contribuição!

Agradeço a comunidade Unebiana, em nome de todos os funcionários, pela oportunidade, acolhida e amizade!

Agradeço de coração á banca examinadora pela atenção e disponibilidade!

Agradeço aos professores, alunos e funcionários das escolas e instituições, em especial do Colégio Manuel Lopes, Colégio Estadual Pedro Atanásio Garcia, Instituto de Educação Anísio Teixeira, Escola de Aplicação Anexa ao IEAT, Associação das Senhoras de Caridade de Caetité, as quais tive contato durante esse período de formação, seja por meio dos estágios, oficinas ou pelo PIBID (Programa de Iniciação á Docência). Saiba que contato e a convivência com vocês foram importantíssimos para meu crescimento pessoal, profissional e acadêmico.

Agradeço a minha querida turma de 2013, aos meus amigos e colegas de trabalho pela amizade, companheirismo, parceria e incentivo. As tardes e os momentos com vocês foram essenciais para meu crescimento pessoal e profissional.

RESUMO

O presente trabalho analisa a abordagem dada à literatura no currículo da Licenciatura em Letras da UNEB, com o objetivo de compreender como a organização curricular desse curso aborda o ensino da literatura clássica e da literatura popular, identificando suas ressonâncias na formação do professor. A metodologia utilizada para a realização deste trabalho se filia à abordagem qualitativa e fez uso dos seguintes procedimentos para a produção de dados: levantamento bibliográfico que acompanhou todo o percurso e costura o texto; análise do Projeto Pedagógico do Curso de Letras do Campus VI, Caetité e sua organização curricular, para averiguação das concepções de ensino da Literatura; pesquisa de campo com aplicação de questionários a alunos em fase de conclusão e egressos do curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. A análise interpretativa das informações buscou associar o empírico e o teórico e está estruturando os três capítulos que compõem este trabalho. Os resultados da pesquisa evidenciam que o referido curso prioriza certo tipo de literatura, em detrimento de outras, visto que há uma abordagem muito grande em relação à literatura clássica, enquanto que outras, principalmente a popular, quase não é enfatizada. Além disso, indicam a necessidade de reformulação da matriz curricular e das ementas da área de literatura, dando mais ênfase a outras literaturas, especialmente a popular, como fonte de conhecimento, valorização e respeito com a multiculturalidade do nosso país.

Palavras- chave: Ensino de literatura. Literatura Clássica. Literatura Popular. Currículo.

ABSTRACT

The current research analyzes the approach given to the literature in the curriculum of Arts Graduation at UNEB, aiming to understand how the curricular organization of this course approaches the teaching of classical and popular literature, identifying its effects on teacher education. The methodology used for the accomplishment of this work is based on the qualitative approach and made use of the following procedures for the production of data: a bibliographical survey that followed the entire course and the writing of the text, analysis of the Pedagogical Project of Arts Graduation at Campus VI in Caetité city and its curricular organization in order to investigate the conceptions present in the teaching of Literature; field research with application of questionnaires to students in the final semesters and to those ones, graduated in Arts at Bahia State University - UNEB. The interpretative analysis of the information sought to associate the empirical and the theoretical and is structuring the three chapters of this monograph. The results of the research show that the course prioritizes a certain type of literature to the detriment of others, since there is a very large approach to classical literature, while others, especially the popular one, are hardly emphasized. In addition, the results also point to the need of a reformulation in the curriculum and the menus that guide the area of literature, giving more emphasis to other literatures, especially the popular ones, as a source of knowledge, appreciation and respect for the multiculturalism present in our country.

Keywords: Literature teaching. Classical Literature. Popular Literature. Curriculum.

SUMÁRIO

1.0 PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES: a gênese e o percurso da pesquisa.....	11
2.0 LITERATURA: ENTRE O CLÁSSICO E O POPULAR.....	18
2.1. Literatura: encantamento, expressão, reflexos e saberes inerentes ao artífice literário....	18
2.2. A Literatura escolarizada: o saber literário no âmbito escolar.....	24
2.3. Literatura Clássica versus a Popular: caracterizando, conceituando e discutindo as relações e/ou divergências entre os gêneros.....	27
3.0 O CURRÍCULO E A FORMAÇÃO EM LETRAS: alguns apontamentos.....	36
3.1. As concepções curriculares no âmbito escolar.....	36
3.2. Formação docente: reflexão, autonomia e consciência crítica.....	47
4.0 A LITERATURA CLÁSSICA E A POPULAR SOB O OLHAR DO EMENTÁRIO DO CURSO DE LETRAS.....	53
4.1: Os discursos que nos atravessam e nos constituem	53
4.2: O que dizem as ementas curriculares do curso de Letras Campus VI Caetité, sobre a Literatura?.....	55
4.3: A importância e a contribuição da Licenciatura em Letras.....	60
5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
6.0 REFERÊNCIAS.....	66
7.0. APÊNDICE.....	68

1.0 PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES: a gênese e o percurso da pesquisa

[...] Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas *objeto*, mas sujeito também da história. (FREIRE, 2015. p, 53)

A escola, assim como a universidade, é extremamente importante para a formação dos indivíduos. É por meio delas que se dá a produção e apropriação do conhecimento formal¹. Não adentramos nos meios institucionais vazios, mas possuidores de conhecimentos prévios ou de mundo, os quais são intercalados e constituem como a base para articular o que já sabemos com o que ainda não se sabem.

Nesse sentido, é imprescindível contar com uma formação diversificada que nos faça sair de nós mesmos para adentrar por outros caminhos, que nos formalize e nos complete. Tendo em vista que o ser humano é um sujeito social, histórico, político e cultural, o tempo todo é atravessado por diversos discursos, os quais possibilitam ir se constituindo, fazendo-os refletir sobre o papel que desempenha na sociedade.

É inevitável a necessidade que este sente em desvendar o mundo, em conhecer e vislumbrar com ele, e isso muitas vezes só é possível por meio da educação, aquela que prioriza o indivíduo não apenas como um ser passivo, mas com um agente ativo, que a despeito dos conhecimentos inerentes a ele, possa ser multiplicador destes e lutar por um mundo mais justo, democrático e solidário. Sobretudo, ao ser contemplado por uma formação, fruto de um currículo abrangente e interdisciplinar, cujo patamar primordial seja a valorização e a diversidade cultural, social, política, étnica e racial.

Essa formação que contempla uma visão múltipla da realidade pode ser sim aperfeiçoada pelo ensino de literatura, porque é por meio da literatura que as imagens, símbolos e signos culturais adquirem novas acepções, uma vez que o indivíduo se constitui e interage com o mundo, fazendo uso das múltiplas linguagens, resultantes das capacidades infinitas de suas expressões.

Assim, a presente pesquisa busca compreender como o currículo do curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Campus VI, em Caetité, aborda o ensino da literatura clássica e da literatura popular, identificando suas ressonâncias na formação do professor.

¹ Como salienta Paulo Freire é na escola que o conhecimento é construído e apropriado, fazendo jus ao conhecimento de mundo.

O ensino da literatura é importantíssimo no espaço institucional, pois, através deste, o ser humano conhece suas origens, a cultura e os costumes da vida em sociedade. Sabemos que a literatura ajuda o homem a entender o presente e a perspectivar o futuro através de acontecimentos do passado, fazendo uso de símbolos que possibilitam o indivíduo ir além do imaginário, perpetuados por uma incessante busca de conhecimento sobre si e sobre o mundo que o rodeia.

A literatura, especialmente a popular, sempre desempenhou um papel significativo na minha vida. Desde a infância já deleitava por esse tipo de leitura. Mesmo sem compreender a sua dimensão, adorava ouvir e ler os contos populares, os cordéis, os romances, as quadras...

Ao adentrar no universo escolar, fui impactada pela gama de textos literários, os quais foram essenciais para aprimorar o amor instigante pela literatura. Mas, o ensino fragmentado, sobretudo, no Ensino Médio não permitiu conhecer a sua extensão, visto que o contato com ela, na maioria das vezes, resumia apenas na clássica e nos estudos das escolas literárias, seguindo sempre o que continha no livro didático.

Posteriormente, ao adentrar no Ensino Superior para cursar Letras, fui novamente bombardeada pela literatura de forma mais ampla, tendo contato com outros tipos de textos literários. Porém ainda prevaleceu a preferência pelos clássicos e aos poucos me inquietava a pouca abordagem das outras literaturas, especialmente a popular, de onde fazia parte aqueles cordéis encantados e aqueles contos maravilhados que ficaram gravados na minha memória.

Foi a partir disso que, ao atentar para o ensino de literatura no curso de Letras, percebi que aparentemente há uma forte abordagem sobre esse estudo no currículo, em todos os semestres há componentes curriculares que fazem uso dela. No entanto, quando se refere a algo literário é comum ouvirmos falar apenas da clássica, aquela que representa o ideal de belo, de grande valor e no meio institucional parece ser a que mais predomina, quando não a única, levando a crer que somente esta é literatura.

Mas se fosse assim seria viável questionar: todos os sujeitos se vêm nesse tipo de literatura? Há uma única literatura? Se compreendêssemos que literatura é arte de um povo, de uma nação, de um sujeito que sabe lidar com as letras e expressar-se de maneira encantadora, certamente diríamos que não, porque fazemos parte de uma sociedade em que há uma multiplicidade de sujeitos que interagem com o mundo de diversas formas.

No entanto, como sujeitos da contemporaneidade e seres atuantes nesse processo de formação/construção de identidades é que, no decorrer dos semestres, surgiram questionamentos sobre a abordagem do ensino de literatura no currículo Universitário, bem

como os dilemas apontados que foram constantemente me inquietando, os quais foram pertinentes para despertar o interesse em fazer um estudo aprofundado sobre o tema.

Nesse sentido, a hipótese que orienta este estudo é a de que a organização do currículo na parte dos componentes curriculares de literatura não dá suporte necessário para o professor trabalhar com a Literatura Popular, pois não apresenta uma abordagem contextualizada do tema e há certo privilégio no estudo da literatura clássica.

Nesse contexto, a não ou a pouca inclusão da Literatura Popular no currículo escolar/universitário proporciona uma formação fragmentada, pois não se ensina aquilo que não sabe ou não tem conhecimento suficiente. Já que se tratando de um curso de formação de professor e ainda na área em que aborda como ponto chave a literatura, não se pode deixar de fora o estudo literário de maneira global. Para atuar em sala, o docente precisa ensinar com propriedade o artífice literário em suas diversas tipologias.

Além disso, fazemos parte de um mundo em que há diversos sujeitos, os quais têm voz e precisam se expressar nas mais diversas modalidades discursivas, como um poema, um rap, Hip Hop, conto, cordel, entre outras linguagens. Porém, sem possibilidades de se abrir, sem estímulo por parte do professor, esses sujeitos se calam e não conseguem produzir suas grandiosas histórias.

Para tanto, o corpo deste trabalho está organizado em três capítulos, os quais contemplam os seguintes objetivos específicos: **Problematizar o ensino de Literatura no currículo da Licenciatura em Letras Língua Portuguesa do Campus VI Caetité; Descrever e analisar as impressões dos alunos do curso de Letras/ Língua Portuguesa sobre o ensino da Literatura Clássica e Popular no seu percurso formativo; Averiguar como a Literatura Clássica e a Literatura Popular são abordadas nas ementas do currículo da Licenciatura em Letras.**

O capítulo inicial intitulado, *Literatura: entre o clássico e o popular*, aborda aspectos gerais sobre o ensino de literatura, discutindo concepções do clássico e do popular. Está dividido em três seções, a saber, seção 1: *Literatura: encantamento, expressão, reflexos e saberes inerentes ao artífice literário*; a 2: *A Literatura escolarizada: o saber literário no âmbito escolar*; e a 3: *Literatura Clássica versus a Popular: caracterizando, conceituando e discutindo as relações e/ou divergências entre os gêneros*.

Já o capítulo 2, sob o título de *O Currículo e a formação em Letras: alguns apontamentos*, discorre sobre o currículo, bem como a formação docente. Subdivide em duas seções, a 1ª: *As concepções curriculares no âmbito escolar/institucional*. e a 2ª: *Formação docente: reflexão, autonomia e consciência crítica*.

Posteriormente, o terceiro capítulo: *A Literatura Clássica e a Popular sob o olhar do ementário do curso de Letras* debruça, especificamente, sobre a análise das ementas da área de literatura na organização curricular da Licenciatura em Letras. Está dividido em três secções: 1: *Os discursos que nos atravessam e nos constituem*; 2: *O que dizem as ementas curriculares do curso de Letras Campus VI Caetité?* E a última, *A importância e a contribuição da Licenciatura em Letras*. Por último, apresento as considerações finais.

Este estudo dialoga com a produção da área. Na categoria, **Ensino de Literatura/Literatura Clássica e Popular**: Aguiar e Suassuna (2013), Cândido (2011); Cosson (2009); Eagleton (2006); e Perrone- Moisés (2016). Em **Currículo**: Moreira (2001); Silva (2011); Schmidt (2003); Veiga Neto (2002). E na discussão sobre **Formação Docente**: Freire (2014/2015); Gatti (2010); Moreira (2001); Silva (2006); Tardif (2014); dentre outros. Estes são alguns dos teóricos que fundamentam e dão subsídios para a concretização desta pesquisa que buscou compreender como a literatura clássica e a popular são abordadas no currículo do curso de Letras, sobretudo visando à formação do profissional habilitado nessa área.

A metodologia desta pesquisa se filia a uma abordagem qualitativa, fazendo uso de estudo bibliográfico, análise documental e pesquisa de campo. Configura-se como uma pesquisa qualitativa, porque esse tipo “compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados.” (NEVES, 1996, p.1).

Sendo assim, as técnicas abordadas para a produção dos dados estão pautadas em um levantamento bibliográfico “ou fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo.” (LAKATOS, 2010, p.166). Parte de aportes teóricos de diversos autores, sendo fundamentada em obras escritas, tais como, livros, artigos, teses, documentos etc.

Na análise documental, recorri ao Projeto Pedagógico do Curso de Letras do Campus VI, Caetité e sua organização curricular, analisando seu ementário para averiguação das concepções de ensino da Literatura. Para Lakatos (2010), nesse tipo de pesquisa a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escrita ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias.

Além disso, o desenho metodológico desta pesquisa tem caráter descritivo, pois procuro utilizar alguns aspectos do estudo de caso. Nesta abordagem de pesquisa os “[...] estudos têm por objetivo aprofundarem a descrição de uma determinada realidade. [...] (TRIVINOS, 1987, p. 110). No caso deste trabalho, há uma aproximação com esta definição,

pois através da pesquisa de campo busco compreender a realidade do ensino de literatura clássica e popular no currículo do curso de Letras, da UNEB, Campus VI, Caetité.

O campo empírico escolhido para a realização deste estudo foi o curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, ofertado no município de Caetité, Bahia. A UNEB é uma Instituição autárquica de regime especial, de ensino, pesquisa e extensão, organizada sob o modelo multicampi. Está estruturada com 29 Departamentos, sediados em 24 centros regionais de médio e grande porte nos Territórios de Identidade do Estado da Bahia.

Considerada uma Universidade jovem, é uma das pioneiras na interiorização do Ensino Superior do Estado da Bahia, destacando-se, principalmente, na formação de professores. Atualmente, oferta mais de 160 cursos de graduação (licenciatura e bacharelado) presencial e a distância, bem como cursos de Pós- Graduação Latu e Stricto Sensu (Mestrado e Doutorado) em diversas áreas do conhecimento. Tendo seus Departamentos localizados na capital e no interior do Estado, a Instituição torna-se uma referência na oferta de Ensino Superior, pois consegue alcançar as regiões mais distantes e municípios menores e mais pobres; e, devido à proximidade de suas residências, oportuniza a formação, inclusive para professores que já estão em exercício, mas sem a formação exigida pela legislação educacional.

O município de Caetité/BA, onde está situado o DCH VI, distante 757 km da capital, Salvador. Seguindo os ideais de uma educação republicana, foi criada, em 1962, a Escola de Nível Superior de Caetité, através da Lei nº 1.082 de 25/10/1962. Essa Instituição, com o passar do tempo, foi incorporada à UNEB pela Lei Delegada n.º 66 de 01/06/1983, com a denominação de Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caetité (FFCLC).

A FFCLC em seu primeiro concurso vestibular, em 1983, ofertou o curso de Licenciatura de 1º Grau em Letras e, posteriormente, expandiu a oferta com a implantação do curso de Licenciatura de 1º Grau em Estudos Sociais. As demandas por formação da década de 1990 contribuíram para a transformação do curso de Letras em Licenciatura Plena, com as habilitações em Português e Literaturas de Língua Portuguesa e Português, Língua Inglesa e respectivas Literaturas, e o de Estudos Sociais em História e Geografia. Atualmente, o DCH VI oferece seis cursos de licenciatura, conforme demonstra a Tabela 1.

Tabela 1 - Cursos de Graduação do Campus VI, 2017.1

Licenciaturas	Alunos matriculados	Conceito ENADE
Ciências Biológicas	152	3
Geografia	161	3
História	167	4
Letras Língua Portuguesa	115	3
Letras Língua Inglesa	103	-
Matemática	159	3
TOTAL	843	-

Fonte: Secretaria Acadêmica/SAGRES - Campus VI, 2017.

A análise interpretativa dos dados buscou associar as impressões dos discentes em fase de conclusão e egressos do curso acerca do currículo e da formação para o Ensino da literatura na Educação Básica com as informações da análise documental e do levantamento bibliográfico feito. As impressões dos discentes foram obtidas através da aplicação de um questionário aberto, composto de 13 questões que versaram sobre as seguintes categorias: Ensino de Literatura; Curso de Licenciatura em Letras/Currículo; e Formação Docente.

Os questionários foram enviados a 30 estudantes do curso, via e-mail (em virtude da dificuldade em encontrar pessoalmente com os participantes), mas só foi possível obter a resposta de 14 discentes, sendo a maioria do sexo feminino, com faixa etária entre 22 e 37 anos. Após a impressão dos questionários respondidos, foi realizada uma leitura flutuante para um primeiro contato com as respostas dos estudantes. Em seguida, uma segunda leitura mais atenta, agrupando as informações das respostas nas seguintes categorias: Ensino de Literatura; curso de Licenciatura em Letras/Currículo e Formação Docente. Nesse processo, destaquei as informações usando marcadores de três cores diferentes, (rosa, azul e verde), sendo que cada cor correspondia a uma categoria da pesquisa. Após esse levantamento, as informações pertinentes foram transcritas em uma tabela.

Nessa perspectiva, para garantir o anonimato das informações prestadas pelos participantes da pesquisa, estes foram identificados com nomes fictícios, meramente ilustrativos para validar os dados, conforme indica a tabela 2.

Tabela 2- Dados dos sujeitos da pesquisa.

Nomes fictícios dos sujeitos da pesquisa	Idade	Sexo	Concluintes		Semestre
			Sim	Não	
Vitória	25	Feminino	X	-	-
Júlia	27	Feminino	X	-	-
Maria	30	Feminino		X	XI
Joana	25	Feminino	X	-	-
Beatriz	26	Feminino	-	X	IX
Paulo	25	Masculino	X	-	-
Ana	26	Feminino	-	IX	IX
Patrícia	37	Feminino	-	X	IX
Vera	28	Feminino	X	-	-
Bianca	33	Feminino	X	-	-
Nilza	22	Feminino	X	-	-
Sabrina	32	Feminino	-	X	IX
Sandra	24	Feminino	X	-	-
Daiane	26	Feminino	-	X	IX

Fonte: Elaboração da autora, 2018.

Outro procedimento da pesquisa que possibilitou a produção de dados foi realizado por meio da análise documental. Analisei o PPC do curso e selecionei oito ementas dos componentes curriculares da área de Literatura. Tal escolha foi motivada em função dos objetivos e do objeto delimitados para esta pesquisa.

Este estudo é bastante relevante tanto para minha formação pessoal, quanto a profissional, acadêmica e social, posto que tem a pretensão de contribuir para a melhoria dos processos formativos da Universidade nos cursos de Licenciatura, bem como uma atitude de conhecimento, valorização e respeito com a multiculturalidade do nosso país, que muitas vezes não tem o merecido valor e destaque no espaço acadêmico. Acostumamos a aceitar o que vem de fora, modelos padronizados e esquecemos de explorar nossas riquezas, principalmente, as culturais.

2.0 LITERATURA: ENTRE O CLÁSSICO E O POPULAR

2.1 Literatura: encantamento, expressão, reflexos e saberes inerentes ao artífice literário

A literatura nos faz deixar a realidade corriqueira do cotidiano e sonhar com um mundo desejoso e de encantos. Viver sublimemente, todavia apreciando os conhecimentos novos e intensificando os já adquiridos. A literatura nos faz conhecer o intenso mundo que nos rodeia: fronteiras que põem em conflito valores, crenças e costumes que muitas vezes são ignorados e ou negligenciados pela falta de conhecimento humano, ou mesmo pela intolerância persuasiva. (VITÓRIA, relato escrito, 2017)

Início esta seção trazendo como epígrafe o relato de um dos sujeitos da pesquisa, o qual traz um aspecto interessante sobre o papel humanizador da literatura. Papel esse que é essencial na vida de todos nós e que realmente nos faz *viver sublimemente, todavia apreciando os conhecimentos novos e intensificando os já adquiridos*. A literatura, assim, *nos faz conhecer o intenso mundo que nos rodeia...* Sobretudo porque nos permite sair de nós mesmos e aventurar por outros caminhos, que nos fazem crescer individualmente, bem como, socialmente.

É por esses e outros motivos que a nossa formação, seja na escola básica, seja na universidade precisa fazer uso daquilo que nos constrói, nos complementa, haja vista que somos indivíduos possuidores de muitos saberes, mas não somos completos, estamos sempre em processos construtivos. E essa construção/completude adquirimos ou tentamos adquirir ao longo do percurso formativo no qual usufruímos e a literatura muito contribui para isso, visto que ela nos humaniza, como salienta Cândido (2011), ao elencar a relevância dos textos literários para a formação dos indivíduos.

Por isso, acredito que pensar em formação exige reflexão, autonomia, conhecimento, seja ele formal ou de mundo, principalmente para o corpo docente. Não é a toa que, nos últimos anos, os estudos sobre os cursos de formação de professores têm intensificado, especialmente, na abordagem curricular. Cada vez mais priorizamos uma educação de qualidade, em que os alunos sejam sujeitos ativos do processo ensino-aprendizagem, tornando cidadãos críticos, reflexivos, autônomos e conscientes de seu papel na sociedade.

Diante disso, as pesquisas sobre este assunto não se finda, pelo contrário, quanto mais se estuda, mais ampliamos a sua conjuntura. Principalmente quando se trata dos cursos de licenciaturas, a exemplo do curso de Letras, o qual possibilita uma amplitude nas seguintes áreas do conhecimento: língua/linguagem; leitura; escrita; e oralidade.

Por isso, cada vez mais temos a necessidade de lançar um olhar reflexivo sobre o fazer pedagógico, pois somos seres em constantes processos de formação, somos sujeitos da contemporaneidade, que precisam inovar juntamente com a evolução do mundo, porque dele fazemos parte. E, se não acompanharmos seu processo de construção/reconstrução, ficamos perdidos no tempo, pois os indivíduos de ontem, não são mais os mesmos de hoje e nem poderia ser.

Assim, atendendo à demanda do primeiro objetivo desta pesquisa, nesta secção problematizo o ensino de Literatura no currículo da Licenciatura em Letras Língua Portuguesa do Campus VI Caetité. Desde os primórdios, a literatura assegura conhecimentos, experiências e valores do ser humano, constituindo assim, como uma arte propícia ao fantasioso, ao mágico, ao irreal, ao sonho, possui um caráter encantador e nos incita a compreender os acontecimentos que nos cercam, uma vez que esta nos liberta, nos humaniza e nos faz refletir sobre nós mesmos.

No entanto, quando se fala em literatura vem a nossa mente algo que faz parte da vivência humana e que, portanto, não deve estar fora do cotidiano e nem ser privada do processo formativo do ser humano, uma vez que o ensino dela é essencial no processo de formação docente, pois, como nos diz Cosson (2009, p.13),

A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. [...] E por essa fruição de tornar o mundo compreensível é que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas. [...]

Sendo assim, é perceptível que atentemos para a importância da literatura no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que os textos literários devem fazer parte do ambiente escolar. Mas, para isso o professor precisa passar por uma formação que ensine e valorize a diversidade textual, para que, ao atuar na sala de aula, esteja apto a trabalhar a literatura de forma autônoma e diversificada, partindo sempre da realidade do aluno para, a partir dessa reflexão, fazer a mediação do conteúdo.

Antes de aprofundar nesse tema, é pertinente, aqui, fazer aquela antiga pergunta: *O que é mesmo literatura?* Assim, o termo é oriundo do latim, *litteratura* (m), de *littera* (m), letra e segundo Moíses (1995, p.311) “Literatura pressupõe o documento, o texto, manuscrito, impresso, datilografado [...], etc; destinado à leitura, não à audição”. Sobre esse viés, percebe-se que remete a qualquer texto escrito, tudo que é referente à letra.

Já para Houaiss (2009, p.1.188), literatura é o “uso estético da linguagem escrita; arte literária; conjunto de obras literárias de reconhecido valor estético, pertencentes a um país, época, gênero, etc.” De acordo com esse autor, literatura são as obras que enquadram os diversos gêneros, épocas, países, mas apenas as de grande valor, isto é, as que possuem o ideal de “belo” da filosofia clássica.

Para Perrone-Moisés (2016), entre as respostas mais frequentes sobre o conceito de literatura, temos: “Arte de representar a realidade por meio de palavras. Essa é a acepção tradicional, desde que Aristóteles, em sua *Poética*, definiu arte verbal como mimese, imitação.” (p.8). Indagados sobre o sentido que atribuem ao termo literatura, os sujeitos desta pesquisa revelaram concepções que se assemelham ao apresentado por Perrone-Moisés. Para Joana,

[...] a Literatura é uma arte da palavra que representa o real e uma das mais belas manifestações humanas, que recria a realidade, e nos faz imaginar, adquirir conhecimentos e nos permite conhecer culturas, lugares, passado e presente. (relato escrito, 2017)

O artífice literário é um jogo de palavras, emoções, sentimentos, anseios, desejos, reflexões, críticas, histórias, enfim, uma complexidade de elementos discursivos que juntos se resume na construção do texto literário, os quais são perpetuados por influências sociais, políticas, econômicas, ideológicas e históricas.

Perrone-Moisés (2016) ainda nos afirma que, ao longo dos séculos, as definições precisas do referido termo vão mudando, perdendo ou agregando outros elementos, por isso que “não é possível, portanto, definir-se a literatura de modo essencial e atemporal.” (p.8) Haja vista que o que é considerado literatura hoje, daqui a um tempo pode não ser mais e aquilo que não é literário pode vir a ser.

Se observarmos, Tynianov (*apud*, Perrone- Moisés, 2016, p.28) nos lembra muito bem da correspondência, que antes era considerada documento, mas no século XX a carta passa a ser literatura. Daí, percebemos os processos de mutações pelos quais o artífice literário passa ao longo dos tempos.

Por isso que, ao atentar para a linha evolutiva da literatura, percebo que seus conceitos variam mediante o contexto social, histórico, político e econômico, pois, como já disse antes não há forma única de interpretá-la. Para os formalistas russos, na década de 1920,

A obra literária não era um veículo de ideias, nem uma reflexão sobre a realidade social, nem a encarnação de uma verdade transcendental: era um

fato material, cujo funcionamento podia ser analisado mais ou menos como se examina uma máquina. Era feita de palavras, não de objetos ou sentimentos, sendo um erro considerá-la como a expressão do pensamento de um autor. (EAGLETON, 2003, p.3)

Segundo esse autor, os formalistas russos² trouxeram a realidade material do texto literário em si e recusaram as doutrinas simbolistas que influenciaram a crítica literária. E o formalismo foi a aplicação da linguística ao estudo da literatura, como uma maneira de preocupar com a forma literária e não com o conteúdo, assim como a linguística preocupava com a estrutura da linguagem e não com o que esta pretendia dizer.

A partir dessa concepção e de acordo com Eagleton, (2003, p.4), eles passaram a “considerar a obra literária como uma reunião mais ou menos arbitrária de ‘artifícios’, e só mais tarde [...] como elementos relacionados entre si: [...]. Os artifícios incluíam som, imagem, ritmo, sintaxe, métrica, rima, técnicas narrativas [...]”.

Por outro lado, Cândido define-a de maneira mais precisa,

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lendas, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (1995, p.176)

Vista dessa maneira, a literatura comporta uma definição universal em que abrange todas as produções escritas, de todos os gêneros e de toda cultura, desde os textos populares até os clássicos, o que possibilita que a memória efetiva dos acontecimentos de determinado país e de determinada época não se percam. Diante disso, indaguei aos sujeitos da pesquisa sobre a concepção e importância atribuída ao ensino de literatura e obtive para esse questionamento, respostas do tipo:

[...] enquanto expressão artística, a literatura se estabelece através de uma função social. Dela, podemos extrair saberes e múltiplas visões de mundo e por essa razão, o texto literário consegue influenciar o indivíduo a pensar sobre a realidade que o cerca, a observar com criticidade as questões sociais e as ideias impostas pela sociedade. (NILZA, relato escrito, 2017)

A literatura é muito importante principalmente para se desenvolver a habilidade e vontade de ler, o que podemos perceber é que está sendo difícil despertar o gosto leitor dos nossos alunos. A literatura traz consigo traços de realidade, de humor e de fatos que vem acontecendo, instigando,

² Era um grupo de críticos militares, polêmicos que surgiram na Rússia antes da revolução bochevista de 1917.

dentre os alunos, a criatividade com menos cobranças e a leitura mais prazerosa. (PATRÍCIA, relato escrito, 2017)

[...] a literatura mesmo que não percebemos está presente em muitas coisas que fazemos em nossa vida, principalmente quando nós professores fazemos uso em sala de aula, e tentamos transmitir da melhor forma a importância dessa disciplina a fim de ampliar a consciência crítica do aluno, suas competências comunicativas e sua atuação e responsabilidade frente ao mundo em que vive. (MARIA, relato escrito, 2017)

A partir desses relatos, percebo que não há uma única forma de ver e conceber a literatura e sim, várias. O termo comporta diversas definições e “se em nenhuma época chegou-se a uma definição rigorosa de ‘literatura’, essa definição tornou-se ainda mais difícil na nossa, em virtude das profundas transformações culturais ocorridas nas últimas décadas.” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p 27). Além disso, os posicionamentos revelam que o seu ensino é muito mais que importante, é essencial, em diversas esferas do conhecimento.

Tendo em vista sua importância, Reis (1992), baseando nos discursos de Antônio Cândido, apropria-se do conceito de direitos humanos e o traz para a literatura, salientando que, assim como o ser humano tem direito à alimentação, à saúde, também deveria ter o direito à literatura, já que não dá para separar os bens incompressíveis, isto é, aqueles que não podem ser negados a ninguém como o alimento, a casa, a roupa, dos bens compressíveis como os cosméticos, os enfeites, etc. Assim, considero a literatura de grande relevância, pois, tal como as artes, ela está no mesmo nível em que estão os bens compressíveis, ou seja, deve ser um direito de todos.

Nesse contexto, o nascimento da literatura ocorreu devido ao interesse do homem em registrar os fatos e acontecimentos que até então eram transmitidos oralmente e passa então a ser considerada linguagem escrita, como forma de não perder as belíssimas obras, muitas das quais temos acesso até hoje por conta desses registros.

A literatura brasileira, de acordo com Coutinho (2001, p.70- 80), tem seu surgimento a partir da “literatura ocidental do Barroquismo. Foi sob o signo do Barroco definido não só como um estilo de arte, mas também como um complexo cultural, que nasceu a literatura brasileira.”

O surgimento da literatura no Brasil, assim, deu-se a partir de documentos dos catequizadores e viajantes que escreviam sobre fatos da terra brasileira, a qual tinha acabado

de ser colonizada. Porém, não era propriamente literatura, mas foi o ponto inicial para aquilo que mais tarde viria a ser chamado de literário, contribuindo, desse modo, para a formação identitária, cultural e literária da nossa terra.

De acordo Zilberman (2008, *apud*, Aguiar; Suassuna, 2013, p.3)

Antes mesmo de ser conhecida por este nome, a Literatura, que na Grécia antiga recebia a denominação de arte poética, incluindo aqui a epopéia e o drama, já assumia propensão educativa, fornecendo aos povos clássicos padrões de comportamento, do ponto de vista pessoal, social e político, de identificação e de relacionamento com o grupo, proporcionando-lhes o reconhecimento enquanto comunidade.

Nessa perspectiva, percebo que o caráter educativo há muito tempo já fazia parte do universo literário, o que contribuía para ajudar o ser humano em seu comportamento, atitudes e relacionamentos entre os membros do grupo. Porque desde o princípio o homem sentia necessidade de comunicar, mas que isso, registrar os acontecimentos, fatos, histórias, etc, do mundo, recorro até das pinturas rupestres, cujos escritos, foram extremamente relevantes para conhecermos os nossos antepassados e que sem dúvida contribuía para a origem da escrita.

Com o uso da escrita, a humanidade deslumbrava com essa potencialidade, e de meros símbolos convencionais de comunicação, ela permitiu que o homem criasse e escrevesse diversos textos, com caráter que encanta, vivencia, emociona, experimenta, reflete, critica, faz sorrir ou faz chorar, humaniza, aprende, sente, entre outros adereços, a isso tudo, ousamos chamar de literatura.

Literatura porque me permite deleitar, emocionar, aprender e vivenciar determinado texto, sem ao menos ter vivido na época em que foi escrito. Porque possibilita criticar, refletir e experienciar, sobre algo que muitas vezes se encontra escondido nas entrelinhas, e descobri-lo é tão radiante! Porque posso sorrir demais ou até chorar com o personagem. Porque de maneira poética, lírica ou satírica, musical ou ritmada consigo obter conhecimentos e posicionar mediante aquele assunto discursivo. Enfim, porque quando debruço sobre um romance, um conto, um cordel, uma quadra, um poema, uma poesia... Posso tornar-me mais humana e descobrir por meio da leitura um universo de possibilidades, e sem medo algum viajar pelo mundo da imaginação.

Além disso, o texto literário tem o poder de transformação, tanto da sociedade, como do homem, sobretudo por facilitar a comunicação entre a comunidade pertencente e com o

mundo em que rodeia. Permitindo assim, conhecer o passado por meio do presente, viver o presente com base no passado e obter perspectivas positivas para o futuro.

2.2 A Literatura escolarizada: o saber literário no âmbito escolar

Com o passar do tempo, a literatura foi expandindo e aos poucos adquirindo novas acepções, e “[...] de um conjunto de produções escritas em qualquer gênero, [...] ela passou a designar um tipo de discurso, uma instituição e uma disciplina escolar, e chegou, no século XIX, ao auge de seu reconhecimento social.” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 8-9).

Assim, somos interpelados pelas formações discursivas que estão interligadas pela história que vivemos e vivenciamos, pois linguagem, história e sociedade são indissociáveis na construção do ser humano. Com o papel de registrar acontecimentos, fatos e informações de determinado país e época, é perceptível que em cada período os registros literários sejam influenciados pelo contexto histórico pelo qual a sociedade esteja passando.

Acredito que se deve a isso, o fato de, no meio educacional o ensino da literatura, ser dividido em “escolas literárias”, “movimentos literários” ou “estilos de épocas”, de acordo com cada período vigente. Talvez até como uma forma de facilitar o seu estudo e ajudar a entender a relevância desta, por ela nos contar histórias e estórias diversas a partir de cada contexto histórico.

Pude observar durante as intervenções no Estágio do Ensino Médio que o estudo da literatura começa com o movimento literário conhecido como **Quinhentismo** (1500 - 1601), ênfase na literatura de informação, sobretudo sobre o contexto do Brasil no período da colonização portuguesa e na literatura dos Jesuítas; em seguida aparece o **Barroco** (1601 – 1728), período marcado por diversas manifestações artísticas que marcaram o século XVII e o início do século XVIII; logo em seguida, o **Arcadismo** (1768 – 1836) apresentando que os árcades procuravam a pureza e a simplicidade das formas clássicas, viver o *carpe diem* (aproveite o dia).

Na sequência, vem o **Romantismo** (1836 – 1881), cujo estilo concretizou como um movimento artístico e filosófico que surgiu no final do século XVIII na Europa, e estendeu até o final do século XIX, o qual valoriza uma visão de mundo centrada no indivíduo e marcado por um sentimento nacionalista, sobretudo porque nesse momento o Brasil estava caminhando rumo à independência de 1922; depois **Realismo e Naturalismo** (1881 – 1922), esses dois movimentos ocorreram quase que simultâneos, na metade do século XIX e pautavam em

combater os ideais românticos e evidenciar nas obras a objetividade, isto é a realidade (principalmente o Realismo), marcado também por grandes avanços científicos.

Contemporâneo a estes, surgiu entre o final do século XIX e o início do século XX, o **Parnasianismo**, cultuando a *arte pela arte*. (1882 - 1922) e também o **Simbolismo** (1893 - 1922), fuga total da realidade; Posteriormente, o **Modernismo** (de 1922 a 1945), movimento artístico, cultural e literário da primeira metade do século XX, caracterizado por surgimentos de novos modelos e novas ideias. Atualmente, estamos inseridos na chamada Literatura contemporânea, baseada nos princípios da sociedade de hoje.

É possível perceber que cada uma dessas escolas, possui temáticas, características, estilos, obras e autores próprios de cada período. É como dizem os formalistas, “as normas e desvios se modificavam de um contexto social ou histórico para outro.” (EAGLETON, 2003, p.7). Ou seja, as características de cada movimento são peculiares de cada um, mediante os aspectos sociais, políticos, históricos e culturais.

Como demonstra os estudos feitos, as produções literárias foram influenciadas pela Literatura Portuguesa e só a partir do Romantismo que predomina uma literatura realmente brasileira, com autonomia e manifestações próprias, em que as influências europeias foram deixadas de lado e as produções literárias passaram a representar as características inerentes ao Brasil, seja em seus aspectos sociais, culturais, políticos e linguísticos. O projeto de nação passa a ser pensado de forma múltipla e ressalta principalmente a miscigenação de raças, isto é, as três etnias que formaram o Brasil: O índio, o negro e o branco, (como é representado no livro *Macunaíma*, escrito por Mário de Andrade.)

Com o ideal de legitimar identidades e culturas é que a literatura, na contemporaneidade, representa a sociedade com suas mazelas sociais, mostrando a realidade nua e crua em que estamos inseridos, com o intuito de refletir sobre si mesmo e o mundo. Posto isso, nota-se a relevância dos saberes literários na formação dos indivíduos e tanto a escola básica, como a universidade, fazem uso dela incessantemente.

Ao observar a inserção da literatura no currículo escolar veremos que,

[...] a Literatura não passou a fazer parte do currículo escolar como objeto. Na Idade Média, dissolvia-se entre as disciplinas que compunham o *Trivium* (Gramática, Retórica e Lógica) e, na Renascença, quando se passou a valorizar a cultura clássica, a Literatura servia de modelo para o ensino das línguas grega e latina. É após a revolução burguesa que as literaturas nacionais passam a integrar os currículos, sendo estudadas a partir da ótica da História da Literatura. A língua vernácula presente nas obras literárias passou a ser tomada como modelo de língua homogênea e nacional a ser difundido pela escola. O objetivo era contribuir para a consolidação do estado burguês. (AGUIAR; SUASSUNA, 2013, p.3)

Dessa forma, considero que sua atuação no currículo ocorreu de maneira diferente, pelo contrário, seu intuito inicial era ensino de gramática e principalmente o ensino das línguas e posteriormente no estado burguês era justamente para sua consolidação. Assim,

Até a década de 1970, no Brasil, a presença da Literatura nos anos iniciais marcava-se por uma visão de “leitura como meio” (para transmitir a norma culta, conservar e defender a língua materna, inculcar valores morais cívicos e levar à ascensão social) e pela difusão de um patrimônio cultural. A partir da década de 1970, esse patrimônio se transforma em objeto de ensino do então 2º grau, que adota uma perspectiva cronológica, e o texto literário passa a ser fortemente utilizado para o ensino da língua materna e da gramática (ZILBERMAN, 1991, *apud*, AGUIAR; SUASSUNA, 2013, p.3).

Nesse contexto, percebo que o ensino de literatura há muito tempo, baseava-se na concepção tradicional, principalmente para consolidar o ensino da língua e ensino de gramática, utilizando o texto como pretexto, o que acabava deformando- o e transformando-o em algo chato, enfadonho e monótono, propiciando o desinteresse e, principalmente, deixando de lado a essência literária. Hoje, ela assumiu um caráter mais humanizador, mas ainda em muitas escolas prevalece esse ensino tradicional.

Todavia é viável que ela continue fazendo parte da formação dos alunos, visto que o ensino da literatura é importantíssimo no espaço Educacional/institucional, pois, através deste, o ser humano conhece suas origens, a cultura e os costumes da vida em sociedade, possibilitando ao indivíduo ir além do imaginário, perpetuados por uma incessante busca de conhecimento sobre si e sobre o mundo que o rodeia, como pontuam estes relatos dos sujeitos da pesquisa:

Acredito que o ensino de literatura está muito além da transmissão de conhecimentos, pois, além disso, através dele somos capazes de nos tornarmos cidadãos mais críticos e comprometidos com as reais situações vividas por gerações passadas, pelas atuais gerações e as consequências disso para as futuras gerações. (JÚLIA, relato escrito, 2017)

[...] é através da literatura que conseguimos compreender nossas origens, cultura e costumes. E por meio dela que conseguimos ver os reflexos e transformações de uma sociedade predominantemente desigualitária e baseada em conceitos difundidos de outras culturas. Além disso, por meio da literatura conseguimos expressar nossas angustias, refletir o papel do homem dentro das questões políticas econômicas, domínio e dominado. (BEATRIZ, relato escrito, 2017)

Certamente, é notória a diferença instaurada pela leitura literária no indivíduo. Além de transformar-lhe como sujeito, é agente transformador do meio em que ele está envolvido. (PAULO, relato escrito, 2017)

[...] Mesmo a literatura não tendo o papel de retratar fielmente os conflitos de nossa sociedade, ela permite por meio das construções narrativas que o leitor vivencie o enredo lido e isso contribui para que ele compreenda as relações sociais e culturais do mundo em que vive. O ensino da literatura é muito importante, pois através do mesmo é possível desenvolver habilidades importantíssimas relativas ao ensino de língua como a interpretação, a leitura e a produção textual. É notório que o aluno que possui um repertório literário vasto apresenta facilidade para adquirir tais habilidades. (VERA, relato escrito, 2017)

Os discursos acima, simultaneamente, afirmam que o ensino da literatura é mais que relevante, é essencial para a formação dos educandos, tanto de forma individual como coletiva, posto que, “*é notória a diferença instaurada pela leitura literária no indivíduo. Além de transformar-lhe como sujeito, é agente transformador do meio em que ele está envolvido.*” (Paulo)

Além disso, é sabido que o aluno que possui um repertório literário vasto possui maior agilidade em desenvolver certas habilidades como as “*relativas ao ensino de língua como a interpretação, a leitura e a produção textual.*” Bem como, contribuem para a autonomia e consciência crítica dos indivíduos, pois possibilitam tornarem “*cidadãos mais críticos e comprometidos com as reais situações vividas por gerações passadas, pelas atuais gerações e as consequências disso para as futuras gerações.*” (Júlia)

Como salienta Silva (2006), a leitura literária deveria ser mais valorizada ao longo da trajetória escolar, desde a educação infantil ao ensino médio especificamente, como forma de desenvolver no aluno a criatividade e a imaginação na interação com textos que inauguram mundos possíveis, os quais são construídos com base na realidade empírica.

Por outro lado, essas discussões revelam que se o texto literário é possuidor de grandes contribuições, isso significa que o leitor é um agente na construção de sentido deste, pois a leitura literária só é significativa quando há interação da tríade autor-texto-leitor.

2.3 Literatura Clássica versus a Popular: caracterizando, conceituando e discutindo as relações e/ou divergências entre os gêneros.

Mediante a diversidade de literaturas existentes, debruço nessa subseção sobre duas delas: a clássica e a popular, configurando assim como literaturas importantíssimas para a formação dos educandos, posto que, cada uma possui características e particularidades que a

tornam especiais, tais como, fontes de conhecimento. Enquanto a primeira é baseada em textos com pensamento mais elaborado e crítico, sendo feita por e para uma cultura mais estilizada, a segunda é pautada em tradições, valores, crenças e costumes de um povo, feita pelo povo e para o povo, daí ser simples e acessível a uma parcela maior da sociedade.

Elas possuem características e aspectos diferentes que a fazem serem importantes para aqueles que deleitam por cada uma, e os elementos que as constituem, pois,

[...] Ambas se constituem de características próprias que contribuem na formação leitora/crítica do sujeito e cumprem com a função do texto literário independentemente dos elementos formais e temáticos incorporados nas suas produções e do grande valorização aferido a elas.”
(NILZA, relato escrito, 2017)

Considerando a importância do saber literário, inserido no cotidiano dos alunos, percebo que, desde os primórdios, já era viável a sua inserção do ensino da literatura para a formação de cidadãos reflexivos, críticos e participativos. Hoje, vejo que necessita mais ainda, pois o seu ensino precisa fazer parte do contexto escolar de maneira ampla e diversificada, atendendo às demandas que a contemporaneidade nos incita a enfrentar.

E essa visão múltipla e diversificada da realidade pode sim ser aperfeiçoada pela literatura, já que esta configura como um universo de possibilidades que dá margem para diversos conhecimentos, construindo e ampliando-os. Mas, será que a literatura apresentada no currículo do curso de Letras espelha essa diversidade? No primeiro momento pareceu-me que a literatura apresentada, aparentemente, está distante da realidade de muitos alunos do referido curso, levando em conta que a maioria dos estudantes vem de zonas rurais e é de baixa renda.

Ao pensar e repensar sobre o ensino de literatura no curso de Letras, percebi que há sim uma supervalorização dos saberes literários e seu alvo é explorar as potencialidades e particularidades inerentes a eles. Assim, investigando o currículo do curso, deparei com quinze componentes de literatura, os quais aparentemente dão margem para o estudo prioritário da literatura clássica.

Se a realidade espelhada é a clássica, talvez seja por ter autores mais conhecidos, por ter relação com a cultura Greco-latina. Todavia, segundo o Dicionário de termos literários o conceito de clássico é definido por “autor ou obra de primeira classe, superior; autor que se lê nas escolas (nas classes), porque considerado excelente; autor que imita os clássicos-greco-latinos.” (MOISÉS, 1995, p.82).

O ideal de clássico vem desde a antiguidade, dos autores gregos ou latinos, em que eram e ainda são vistos como “superiores”, e que por sua vez, foram influenciando outros, como os que hoje fazem parte do cânone literário. Esta por sua vez, é realmente importante para a formação dos indivíduos, o seu estudo é extremamente necessário.

Os sujeitos da pesquisa, assim se posicionam sobre a literatura clássica, definindo-a de diversas formas:

Literatura Clássica engloba uma produção que surge da emoção, mas que é metrificada nos ritmos da canção, deve seguir os passos dos períodos que a classifica (parnasianismo, cubismo, modernismo). (VITÓRIA, relato escrito, 2017)

A literatura Clássica são aquelas consagradas por acadêmicos, críticos e professores como sendo leituras obrigatórias para qualquer pessoa que pretenda ter seriedade em relação à literatura é aquela que ultrapassa o tempo e o espaço em que foi criada e se eternizar. (MARIA, relato escrito, 2017)

Literatura Clássica é aquela literatura mundial, muito conhecida. Valorizada porque pertence ao cânone, grandes obras como, por exemplo, Romeu e Julieta, Dom Casmurro. Mas que parece ser tão surreal, distante de nós. (PATRÍCIA, relato escrito, 2017)

A Literatura Clássica, como o nome mesmo já diz, nos remete a algo clássico, refinado, ou seja, são obras produzidas pela elite. (BIANCA, relato escrito, 2017)

Literatura clássica é a chamada literatura canônica, ou seja, a literatura reconhecida e apreciada pela crítica literária, considerada esteticamente bonita, de expressão formal, inerente a cultura letrada. (NILZA, relato escrito, 2017)

Analisando esses depoimentos, vejo que a literatura clássica está amplamente direcionada com a cultura erudita, a elite e enquadrada no cânone literário, é caracterizada também como um elemento importantíssimo na formação dos alunos, sendo essencial o estudo sobre esse tema. Porém, o uso excessivo dele acaba se tornando limitado, porque não dá espaço a outras manifestações literárias, uma vez que não espelha outras vozes que não seja a clássica, como a dos negros, marginalizados, homossexuais, feministas, entre outras.

Geralmente, a seleção das obras clássicas ocorre por meio do cânone. O termo vem do grego, *kanon*, que significava espécie de vara de medir. Caracteriza-se como um processo de seleção/exclusão, carregado de relações de poder, ambos são indissociáveis, pois, ao fazer isso, selecionam os autores que têm valor e excluem aqueles que segundo os detentores do poder não têm valor algum. Assim,

[...] O que interessa reter, mais do que uma diacronia, é que o conceito de cânon implica um princípio de seleção (e exclusão) e, assim, não pode se desvincular da questão do poder: obviamente, os que selecionam (e excluem) estão investidos da autoridade para fazê-lo e o farão de acordo com os seus interesses (isto é: de sua classe, de sua cultura, etc.) [...] Nas artes em geral e na literatura, que nos interessa mais de perto, cânon significa um perene e exemplar conjunto de obras – os clássicos, as obras – primas dos grandes mestres-, um patrimônio da humanidade [...] a ser preservado para as futuras gerações, cujo valor é indisputável [...]. (REIS, 1992, p. 70)

Desde a origem, o conceito de cânon é permeado pelos interesses da classe dominante, em que suas ideologias são impostas, em que o discurso de uma classe prevalece como verdade universal de toda sociedade. Por meio da linguagem, as relações de poder são concebidas e suas ideias são hierarquizadas através da dominação social, fazendo com que sejamos induzidos a aceitar essas relações que são atribuídas a nós.

Ao fazer essa seleção/ exclusão, muitas obras que foram escritas para se tornarem literatura e acabam não sendo e outras que não tinham essa intenção acabam se tornando. Sobretudo porque “[...] as pessoas consideram como ‘literatura’ a escrita que lhes parece bonita. Uma objeção óbvia é a de que se tal definição tivesse validade geral, não haveria a ‘má literatura’”. (EAGLETON, 2006, p.14). Por isso, ao decidir a literariedade de um texto, o faz pensando em seus próprios interesses, isto é, da classe dominante.

Perpetuada pelas ideologias dominantes, é que a literatura clássica prevalece no meio institucional e educacional, e a literatura popular na maioria das vezes não o faz parte, fica marginalizada pela sociedade e quando faz é enfatizada de forma simplória. Quando se refere ao termo popular, “relativo ou pertencente ao povo; feito pelas pessoas simples, sem muita instrução”. É uma literatura feita pelo povo e para o povo. (HOUAISS, 2009, p.1.524), traz consigo então a ideia de povo, e geralmente vem carregada de adjetivos pejorativos, como se tudo que está relacionado ao povo não tivesse o merecido valor.

E essa concepção de que as obras populares são escritas por pessoas sem instrução, sem escolaridade, hoje, não procede muito, porque existem vários textos populares que são produzidos por cidadãos instruídos, a exemplo do poeta baiano, cordelista e folclorista Marco Haurélio.³

A literatura popular nordestina é oriunda do Nordeste, contém elementos pertencentes as nossas origens. Já que, “*A importância de trabalhar a literatura popular é clara, principalmente, quando se trata de alunos da zona rural. Trabalhar a literatura voltada para*

³ “É um dos grandes valores da Literatura de cordel que reúne, além dos requisitos de poeta, os predicados de pesquisador e homem de mercado [...]” (HAURÉLIO, 2010, p.7)

suas origens para eles é muito gratificante e prazeroso.” (PATRÍCIA, relato escrito, 2017). E se partirmos do princípio de que o conteúdo deve partir da realidade do aluno e que o profissional de Letras precisa lidar com a literatura de maneira global, afim de que possa estabelecer relações com os acontecimentos culturais, políticos, sociais, históricos e étnico-raciais, então é viável que os textos populares, assim como os clássicos também façam parte do currículo. Para os sujeitos da pesquisa,

[...] a literatura popular é o contato dos povos com as culturas presentes, de forma real ao nosso alcance, evidenciando os costumes culturais de cada região, a música sertaneja, a capoeira, o folclore, a literatura de cordel, o samba, são elementos importantes da cultura popular brasileira, pois falam de nós mesmos. (Patrícia, relato escrito, 2017)

A Literatura Popular é aquela que se aproxima mais do povo, de suas crenças, saberes populares, tradições, como demonstração de identidades, que relatam o cotidiano do povo em geral. (MARIA, relato escrito, 2017)

Literatura popular: surge do grito do povo, perpassa a emoção, não se preocupa tanto com a forma. A preocupação maior é tocar o coração do leitor, refletir sobre a vida dura do sertanejo e acreditar em dias melhores. (VITÓRIA, relato escrito, 2017)

[...] é através da literatura popular que nossos alunos vão se interagir neste meio, contribuindo através da experiência com a exploração desta literatura. Esta literatura levará o aluno para sua realidade e, ao conhecerem, estarão se identificando e assim terá mais liberdade para expressar suas ideias e dialogando com os demais colegas, não só estariam recebendo conhecimento como também estariam passando conhecimento para os demais. (DAIANE, relato escrito, 2017)

[...] a literatura popular como o nome já diz vem do povo das classes menos favorecidas, isso não quer dizer que ela não provêem de riquezas de conhecimento, o popular é rico não só de literatura clássica, mas também de sabedoria de vida ou de vivência de seus antepassados. (SABRINA, relato escrito, 2017)

[...] através da Literatura Popular conseguimos aprender e a valorizar a nossa cultura local. Hoje através da mídia e dos meios tecnológicos estamos continuamente sendo influenciados a dar prestígio e valor sempre o de fora e deixamos a nossa de lado devido a um equívoco, digamos que até mesmo um preconceito contra o povo Nordestino que apesar dos sofrimentos usavam dos versos, repentes, cordéis para expressar seus sentimentos, suas raízes. (Beatriz, relato escrito, 2017)

Ao observar as falas acima, algo que chamou bastante minha atenção é que os sujeitos, além de definir a literatura popular de maneira muito precisa, ainda expressam o encantamento, o amor e a relevância desta. Apontando que os elementos pertencentes a ela

são importantes, *“pois falam de nós mesmos”* (Patrícia), e *“ se aproxima mais do povo, de suas crenças, saberes populares, tradições, como demonstração de identidades, que relatam o cotidiano do povo em geral”*. (Maria).

Além do mais, além de propiciar o encantamento, também podem retratar a realidade dos nordestinos, uma vez que, o popular *“surge do grito do povo, perpassa a emoção, não se preocupa tanto com a forma. A preocupação maior é tocar o coração do leitor, refletir sobre a vida dura do sertanejo e acreditar em dias melhores.”* (Vitória). (Com exceção, principalmente da Literatura de Cordel, a qual enquadra como popular, mas pode-se dizer que é a considerada clássica, refinada, já que exige maior preocupação com os elementos e estrutura que os compõem).

Esta literatura também contribui para a formação leitora, pois contém elementos que propiciam o gosto pela leitura, principalmente devido à simplicidade e espontaneidade em que os textos são elaborados. Sobretudo porque *“esta literatura levará o aluno para sua realidade e, ao conhecerem, estarão se identificando e assim terá mais liberdade para expressar suas ideias e dialogando com os demais colegas, não só estariam recebendo conhecimento como também estariam passando conhecimento para os demais.”* (Daiane). E conseqüentemente conseguirá ter conhecimento e valorizará a cultura da qual faz parte.

Outro aspecto interessante mencionado e que precisamos refletir é que atualmente *“através da mídia e dos meios tecnológicos estamos continuamente sendo influenciados a dar prestígio e valor sempre o de fora e deixamos a nossa cultura de lado devido a um equívoco, digamos que até mesmo um preconceito contra o povo Nordestino que apesar dos sofrimentos usavam dos versos, repentes, cordéis para expressar seus sentimentos, suas raízes.”* (Beatriz). Infelizmente, isso é um fato corriqueiro, já que o tempo todo somos influenciados a querer o que é do outro, sempre a *“grama do vizinho é melhor e mais atrativa”*, enquanto vivenciamos e acatamos essa triste realidade, as nossas raízes, a nossa cultura, a nossa sociedade jamais serão valorizadas.

Por outro lado, Reis (1992) salienta que os críticos estão livres para tecer a crítica *“literária”* da melhor maneira que atenda seus interesses, sem o autor excluído ter o direito de defender e legitimar sua criação. E segundo ele, para mudar essa situação seria promover a desconstrução do cânon brasileiro, visto que deveria levar em consideração o posicionamento do leitor, não pautando apenas na autoridade que consagra o cânone. O leitor também é um ponto chave na interpretação do texto literário, ele dá vida ao texto e busca outros elementos em seu imaginário para compreender o que está lendo, voltando assim para suas experiências de vida.

Nessa perspectiva busco, neste trabalho, mostrar que a diversidade textual deve estar incluída no ensino-aprendizagem dos alunos, já que fazemos parte de um mundo em que a multipluralidade é fator predominante, somos um país de ‘culturas’, (no plural, para intensificar os diversos aspectos) de modos e costumes diversos, de raças, etnias e cantos e danças, entre outros.

Em relação à literatura clássica e a popular, percebo que ambas são importantes e também se relacionam. Acredito que, por mais que elas apresentem características próprias, sofrem influências uma da outra, porque há constante diálogo entre elas. É notório, que a Clássica bebe na fonte da Popular ou vice-versa, como por exemplo, a obra *Macunaíma* do escritor Mário de Andrade, considerada como clássica, mas, é composta por alguns elementos da cultura popular, de maneira intensiva as lendas.

Percebo, também, que a primeira é bem explorada, sua abordagem é priorizada, enquanto que a outra é quase que marginalizada. Por isso, muitas vezes, alunos que, desde a infância, tiveram contato com o popular, seja por meio dos contos populares, dos cordéis, entre outros, quando chegam à escola deparam com estudos de outras culturas, com hábitos, costumes, valores e crenças que nada se parecem com o seu mundo.

Por isso que,

Essa concepção de literatura como fenômeno decorativo e belo transmitida pela maior parte das escolas reflete-se na própria dinâmica de sala de aula em que se privilegia a leitura de obras clássicas produzidas por escritores já consagrados pelo cânon literário. Sem dúvida, é preciso que a escola incentive a leitura de obras clássicas, mas o ensino de literatura não pode ficar apenas confinado na tradição clássica. (SILVA, 2006, p.90)

Sendo assim, é importante frisar que o aluno precisa sim ter o contato com outras culturas diferentes da sua, até mesmo como fonte de conhecimento, mas, primeiramente, ele precisa conhecer e apreciar saberes que provém da sua, para depois valorizar o que é do outro. É comum ouvir alunos que se encantam pelos saberes populares, mas, quando pergunta sobre, nos responde de maneira singela: “*Lembro mais das literaturas e autores Clássicos do que os da Literatura Popular.*” (MARIA, relato escrito, 2017)

Além disso, é comum o universo literário ser perpetuado pelos seguintes pensamentos:

Considero que a abordagem da Literatura Clássica é muito maior do que a abordagem da Literatura Popular. Esta é pouco explorada, evidenciada e apreciada, aquela é muito priorizada e trabalhada. (NILZA, relato escrito, 2017)

A literatura clássica possui um maior destaque enquanto a literatura popular é pouco explorada. (VERA, relato escrito, 2017)

A literatura popular é transmitida de geração em geração, no sentido em que se desconhece o seu autor e em que sofreram ao longo dos tempos alterações que podem atingir diferentes níveis, podendo dar origem a versões diferentes do texto tradicional. Já a literatura clássica pode ser classificada como o oposto da cultura popular, pois não se dedica ao grande público, mas sim aos indivíduos com um certo nível de instrução, estudo e formação específica em determinados conhecimentos. (PATRÍCIA, relato escrito, 2017)

A Literatura Clássica ocupa um lugar de destaque ao longo da graduação, enquanto que a Literatura Popular é pouco trabalhada. Isso é visível nos seminários e eventos promovidos pela instituição. A Literatura Popular quase não é citada. [...] Penso que o papel da Universidade é justamente sair da zona de conforto. Pôr o dedo na ferida. Trazer à baila questões que mobilize discussões. (BIANCA, relato escrito, 2017)

Os educandos, muitas vezes, têm conhecimento de muitas obras estrangeiras, mas não conhecem as suas raízes, e se não conhecem não se sentem instigados a escrever suas histórias. Como nos diz Freire, (2015, p.29),

É como se os livros todos, a cuja leitura dedica tempo farto, nada devessem ter com a realidade de seu mundo. A realidade com que eles têm que ver é a realidade idealizada de uma escola que vai virando cada vez mais um *dado ai*, desconectado do concreto.

Na verdade, a literatura na escola acaba se tornando algo chato, bem distante e enfadonho, que não desperta o interesse do educando, a realidade escolar evidenciada parece muito longe do mundo “alcançável” do aluno. É interessante mencionar que para a construção do conhecimento é necessário adentrar em outros universos, mas também os fatos que fazem parte do seu mundo precisam estar em sintonia com esse processo, caso contrário ocorre a desvalorização de si e do meio do qual faz parte, já que o aluno não se vê dentro desse contexto e a leitura literária não se torna significativa, e se não tem significado não é relevante para ele.

Assim, apoio na fala instigante de Vitória, ao dizer que como

Diz o texto popular “Nordestinos Sim, Nordestinados não”! Essa tradição deve fazer parte da realidade de nossos alunos, principalmente do nordeste, pois não temos um destino para padecer, nós temos um nordeste para viver, agradecer e vangloriar as nossas lutas diárias. É imprescindível conhecer a literatura que acaricia o nosso país, não podemos esquecer que o Brasil começou no Nordeste, nossas raízes foram lapidadas por outros povos, mas a dura seca e o sofrimento não tiraram as marcas do nosso ser(tão) brasileiro.(relato escrito, 2017)

E concludo dizendo que é preciso, sim, valorizar os elementos do nosso nordeste, haja vista suas riquezas e seus encantos. Mas enquanto os meios educacionais não priorizarem, sobretudo, o ensino da literatura popular, talvez continuemos apenas a conhecer e valorizar culturas alheias a nossa. Assim, o capítulo a seguir discutirá alguns apontamentos sobre currículo e a formação em Letras.

3.0 O CURRÍCULO E A FORMAÇÃO EM LETRAS: alguns apontamentos.

3.1 As concepções curriculares no âmbito escolar/institucional

[...] O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, *curriculum vitae*: no currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade. (SILVA, 2011, p. 150)

A epígrafe que inicia esta seção é pertinente porque nos permite pensar a complexidade da palavra currículo. Ela nos instiga adentrar nesse espaço indefinível e extremamente importante para a educação, a fim de conhecer e discutir suas concepções, estudos e relações, principalmente no âmbito escolar.

Sobretudo, porque discutir currículo nos impulsiona a pensar formação, identidades, relações, diversidade de sujeitos, conteúdos, disciplinas, educação básica/superior e práticas pedagógicas, isto é, os elementos essenciais no processo educativo e que sem dúvida estão impregnadas nas propostas curriculares.

Assim, atendendo à demanda dos objetivos da pesquisa, no primeiro momento deste capítulo, discuto brevemente a historicidade do currículo. No segundo, destaco aspectos da formação docente para o ensino de literatura, descrevendo e analisando impressões dos alunos do curso a respeito das respectivas categorias, tendo em vista que o curso de Letras, assim como os demais, é elaborado e norteado através de um documento conhecido como currículo. Então, ousar perguntar, mas o que é o currículo? Quais suas concepções? O que os estudos curriculares nos dizem? Qual sua relação com o saber pedagógico? São indagações pertinentes e que serão respondidas, ou pelo menos, tentaremos respondê-las na sequência.

Considerando a importância, a abrangência e o significado do currículo, é notório que este seja elaborado pensando nos sujeitos que serão contemplados, uma vez que ele deve conter uma proposta interdisciplinar, em que haja diálogo entre as áreas de conhecimentos. Dessa forma, a multiplicidade de saberes se relaciona e entrelaça, conectando com as questões da sociedade e formando sujeitos que respeitem a diversidade cultural existente no mundo.

Dessa forma, partimos do princípio de que o currículo é um espaço amplo, bastante complexo e extremamente importante no contexto escolar, seu estudo comporta diversas dimensões, visto que “uma definição não nos revela o que é essencialmente o currículo: definição nos revela o que é uma determinada teoria pensa o que o currículo é.” (SILVA, 2010, p.14). Por isso que existem diversas teorias para explicá-lo.

Paralelamente a isso, é preciso investigar suas acepções para compreendermos como se processa as teorias curriculares de acordo com cada objetivo que se quer atingir. Deste modo, “o currículo deve ser alvo de inúmeros estudos pelos profissionais da educação, pois sem uma compressão do que tenha acontecido nessa esfera, às outras mudanças tem pouco sentido, e quase nenhuma razão de ser.” (SCHMIDT, 2003, p, 60). Com base nesse pressuposto, é viável refletirmos sobre seu conceito e suas concepções, buscando discuti-las e entender a relação que estas estabelecem com os sujeitos que a constituem.

Nesse sentido, é importante compreender a origem conceitual e como se deu os estudos sobre o currículo. Para Silva (2011, p.15),

[...] à etimologia da palavra currículo, que vem do latim *curriculum*, “pista de corrida”, podemos dizer que no curso dessa “corrida” que é o currículo, acabamos por nos tornar o que somos [...]. Talvez possamos dizer que, além de uma questão de conhecimento, o currículo é também uma questão de identidade. [...]

Ao relacionar o currículo como uma “pista de corrida”, é notório perceber a sua completude, visto que as suas definições ultrapassam os limites das teorias abordadas. É um espaço de conhecer, bem como uma questão de formação de identidades, porque ele busca modificar as pessoas que vão seguir aquilo que está contido nele.

Sua proposta no âmbito educacional é nortear o ensino- aprendizagem dos educandos, bem como auxiliar os dirigentes escolares e/ou institucionais para que possam seguir por essa via, isto é, pelo caminho do saber. Nessa perspectiva, o currículo passa a ser visto como um direcionador de todo o ensino, contemplando o que será ensinado, quais conteúdos, métodos e procedimentos deve fazer parte desta “corrida” em busca da apropriação do conhecimento.

Somos indivíduos culturais, sociais e políticos que temos necessidade de crescer no campo profissional, intelectual, social, pois estamos inseridos em um mundo que sofre constantes mudanças, e que precisamos acompanhar essas transformações. Ao custo disso, também nos moldamos segundo os princípios desse sistema.

As nossas identidades se tornam “descentralizadas”, como salienta Hall (2006), ao discorrer sobre a ‘crise de identidade’ que afeta as sociedades contemporâneas, a qual resulta na “descentralização do sujeito”. A pós-modernidade exige de nós aperfeiçoamento para caber nesse universo tão vasto, e claro, seguindo as ideologias impostas. Nesse sentido, é o que ocorre com o sistema educacional, que é dirigido por uma grade curricular seletiva/exclusiva/ideológica, e ao usufruir desta, perdemos a essência verdadeira para tornarmos aquilo que nos compete, aquilo que o currículo nos propõe.

Assim, nessa “pista” passam diversos sujeitos, todos são interpolados e “obrigados” a seguirem o regimento curricular. Ao adentrarem nela, serão afetados pelas suas normas e condições, seja boas ou ruins, não há como desviar nem fugir deste caminho.

Silva (2010) contempla-nos ainda com uma série de definições que juntas constituem o que denominamos de currículo. Segundo ele, o currículo é lugar, espaço, território; é relação de poder; é trajetória, viagem, percurso; é autobiografia, nossa vida, *curriculum vitae*: no currículo se forja nossa identidade; é texto, discurso, documento; é documento de identidade. Percebe-se que todas essas palavras revelam algo significativo, e ajudam-nos a pensar o sistema curricular de forma ampla.

Ao pensar o currículo no espaço escolar, Veiga-Neto (2002, p.44), afirma que o “currículo é um dos elementos que situa no coração da atividade escolar”. Estabelece, assim, a grande relevância deste no âmbito educacional, especialmente para aqueles que usufruem e participam dele, visto que sem ele o sistema não funciona. E esse “coração” assume um papel extremamente relevante ao bombardear todo contexto escolar com sua existência.

Roldão (1999, *apud*, Pereira, 2014, p.11), compactua com a mesma ideia, pois, de acordo com seu posicionamento o “currículo é o núcleo que define a existência da escola”, levando-nos a conceber que as escolas necessitam desse núcleo para existir, caso contrário, não podemos pensar em escola sem antes pensar no currículo.

Para Schmidt (2003, p, 60), o currículo

[...] é um instrumento de ação política; é uma ação coletiva que se fundamenta numa concepção de mundo-homem-educação; é uma prática político-pedagógica, portanto, ele é muito mais que um rol de disciplinas, ele é uma questão político, culturais pelo fato de trazer intenções que portam atitudes frente às relações sociais, podendo-se perceber o quanto o tema é complexo.

Neste ponto de vista, ao atribuir ao currículo à conotação de uma ação política, uma prática político-pedagógica, uma questão cultural, é notório que este, assuma realmente uma dimensão ampla, configurando como tal, mas que sem dúvida, está intrinsecamente relacionado com a tríade *mundo, homem e educação*. Esses elementos compõem sua integridade porque, basicamente, ele está inserido em uma sociedade composta de seres políticos, culturais, sociais e históricos que o tempo todo necessita de serem educados e reeducados.

Com isso, percebo que o currículo dialoga também com a cultura, pois ao priorizar determinado conteúdo, o faz com base nos elementos mais importantes da sociedade em que

está inserido. Tendo em vista, que de acordo com Aurélio Buarque de Holanda, em seu conhecidíssimo Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, “a palavra ‘cultura’, em seu uso corrente, significa ‘saber, estudo, elegância, esmero’; ela evoca os domínios da filosofia das Ciências e das belas artes. (ARANTES, 2010, p. 10). E ao selecionar determinados saberes e excluir outros, leva em conta critérios que são subjacentes aos idealizadores curriculares, mediante os princípios culturais vigentes.

Dessa forma, é um desafio para este sistema atender as demandas que o multiculturalismo exige, pois a diversidade de culturas de raças e de etnia prioriza uma educação inclusiva em que haja valorização e respeito às histórias e estórias, crenças e valores. Tendo em vista que,

A complexidade das relações, tensões e conflitos resultados dos choques entre essas identidades plurais e de suas lutas por afirmação e representação em políticas e práticas sociais extrapola o âmbito da investigação e da reflexão que se desenvolve nas universidades. (MOREIRA, 2001, p.3)

Cada vez mais os menos privilegiados precisam lutar por políticas de afirmação e representação social e identitária para que possam conseguir conquistar o espaço que merece. Apesar de que nos meios institucionais, sobretudo o universitário, as reflexões venham encaminhado para isso, ainda há muita luta a ser conquistada.

Já que fazemos parte de uma sociedade em que o poder da classe dominante sobressai a demais, e, na maioria das vezes, o discurso profanado por ela se torna o discurso universal. Posto que as relações de poder estão o tempo todo impregnadas nas formações discursivas, e no currículo também.

Da perspectiva pós-estruturalista, podemos dizer que o currículo é também uma questão de poder e que as teorias do currículo, na medida em que buscam dizer o que o currículo deve ser, não pode deixar de estar envolvidas em questão de poder. Selecionar é uma questão de poder. Privilegiar um tipo de conhecimento é uma operação de poder. Destacar, entre as múltiplas possibilidades, uma identidade ou subjetividade como sendo o ideal é uma operação de poder. [...]. (SILVA, 2011, p.16)

É possível perceber, assim, que nas questões em que há seleção, privilégio, destaque, há por trás dessas também, o ato de exclusão, desvantagem, de insignificância em relação aos que não se enquadram no padrão tido como “correto”, “melhor”. Como por exemplo, com o uso da língua, com as classes sociais, posições sociais, etc.

O currículo escolar ao fazer parte desse processo de seleção/exclusão, também o faz porque precisa saber o que deve fazer parte de sua composição e o que não deve, é preciso selecionar, não se pode contemplar tudo. Porém, o que ocorre muitas vezes é uma seleção inadequada, pois, ao fazer essa seleção do que ensinar, do que precisa ser incluso na grade curricular, acaba selecionando de forma demasiadamente ou excessiva, bem como, excluindo aspectos mais relevantes de se ensinar.

Cabe aqui mencionar, por exemplo, a questão do currículo do curso de Letras, visto que mediante os estudos e as experiências como discente do curso, pude perceber que há bastantes componentes de literatura, enfatizando bastante a Clássica, mas, não abarca as literaturas de maneira igualitária, principalmente a popular.

De acordo com o teórico Silva (2011) é provável que o termo currículo tenha surgido nos Estados Unidos pela primeira vez, por volta da década de vinte, visto como objeto de específico de estudo e pesquisa. No momento que inicia os estudos sobre este objeto, o mundo vive no auge da prosperidade dos anos vinte, principalmente, os Estados Unidos, por terem se tornado umas das maiores potências do mundo. Por outro lado, no Brasil, ocorre quando este acabava de realizar talvez a maior e/ou a mais inspiradora virada cultural e artística, a Semana de Arte Moderna, com o intuito de renovar e inovar a cultura e a arte brasileira.

Hornburg e Silva (2007, *apud*, Pereira, 2014, p.13), compartilham da mesma ideia ao afirmarem que “as preocupações com relação ao currículo, como objeto de estudo, tiveram início por volta de 1920, nos Estados Unidos, tendo ligação com o processo de escolarização em massa e com a industrialização crescente.”

Neste cenário, Silva (2011, p.12) salienta a concepção inicial do currículo discutida por Bobbitt em seu livro *The curriculum* (1918), o qual é visto como “supostamente a especificação precisa de objetivos, procedimentos e métodos para a obtenção de resultados que possam ser precisamente mensurados.” Além disso, ele ainda complementa esse posicionamento ao afirmar que neste sentido, o modelo institucional é a fábrica e os estudantes devem ser processados como um produto fabril. Desse modo, ao pensar assim, este pretendia que as escolas funcionassem da mesma forma de uma empresa.

Ora se seguimos esse raciocínio, veremos que o currículo se tornou realmente isso, pois essa “fábrica” se tornou o sistema mais utilizado no contexto escolar, uma vez que auxilia os diretores/gestores, professores e comunidade escolar em geral para construir a base da instituição escolar. E ao tratá-lo como base, todas as implicações estão pautadas nele e os alunos assim como os produtos fabricados, são moldados e interpelados segundo a sua norma.

No entanto, ao fazer isso, muitos produtos se tornam algo esplendoroso, outros, porém, perdem sua originalidade, quando não sua identidade, transformando-se em algo desconhecido, isto é, torna aquilo que não era pra ser. É justamente isso que ocorre com nossos alunos, ao serem mensurados, medidos e estruturados mediante a proposta curricular, pois, geralmente, ao selecionar ou excluir algo do currículo se faz por meio de ideologias que nem sempre satisfazem às necessidades dos educandos.

Com base nos estudos de David Hamilton, de acordo com Silva (2011) é perceptível que na história da educação ocidental moderna, já havia antecedentes voltados para a preocupação com a organização das atividades, principalmente, a questão do que ensinar, a exemplo da *Didática Magna* (1657) de Comenius. Ao passo que a própria palavra *Currículo*, no sentido que foi lhe atribuído, está ligada a preocupações de organização e método.

As teorias do currículo de acordo com Silva (2011), são três, a saber: as tradicionais; as críticas e as teorias pós-críticas. Nessa perspectiva, elas estão impregnadas em questão de poder, identidade e subjetividade. O poder é o ponto central que vai separar as teorias, pois, “enquanto as teorias tradicionais consideram-se neutras, científicas e desinteressadas, as críticas e pós-críticas, contrariamente, argumentam que não existem teorias neutras, científicas e desinteressadas em relação de poder”. (SCHMIDT (2003, p, 67).

Nesse ínterim, as teorias tradicionais estão alicerçadas nos discursos de Bobbitt ao elevar o currículo numa questão de organização, simplesmente uma mecânica, cujo modelo estava centrado na eficiência, assim o sistema educacional deveria ser tão eficiente quanto uma empresa. Suas ideias eram consideradas conservadoras, mas se justifica basicamente porque ele buscava transformar de maneira radical o meio educacional.

No entanto, permeado por propostas curriculares, Silva (2011) volta à atenção para o modelo de organização proposto por Frederick Taylor, ao propor que a educação funcionasse mediante os princípios da administração científica.

Por outro lado, seus ideais se consolidam nas propostas estabelecidas no livro de RalpTyler, pelo qual os estudos curriculares estão centrados em organização e desenvolvimento, os quais devem procurar responder quatro questões básicas: que objetivos educacionais deve a escola procurar atingir? Que experiências educacionais podem ser oferecidas que tenham probabilidade de alcançar esses propósitos? Essas questões estão baseadas na divisão tradicional pautadas em “Currículo”; “Ensino e instrução” e “avaliação”.

As teorias tradicionais, no entanto, estavam pautadas nos modelos de currículos que prezavam a sua elaboração e organização, isto é, basicamente centradas na técnica de como fazê-lo. Vale ressaltar ainda que,

[...] tanto os modelos mais tecnocráticos, como os de Bobbitt e Tyler, quanto os modelos mais progressistas de currículo, como o de Dewey que emergiram no início do século XX, nos Estados Unidos, constituíam, de certa forma, uma reação ao currículo clássico, humanista, que havia dominado a educação secundária desde sua institucionalização. [...] (SILVA, 2011, p.26)

Percebe-se que os modelos curriculares que vão surgindo logo após o currículo clássico, surgem justamente para atacar e contestar o modelo humanista até então existente, cujo objetivo era ensinar sobre as renomadas obras literárias e artísticas gregas e latinas, sobretudo a língua, bem como seu domínio. Posteriormente, vão surgir outros exemplos, cada um buscando ultrapassar as doutrinas dos modelos existentes.

Outra concepção bastante difundida, sendo completamente contrária às teorias tradicionais, são as teorias críticas do currículo, as quais não estavam preocupadas em como fazer o currículo, mas compreendê-lo o que este faz, por meio da busca de conceitos. Conforme, Silva (2011, p.16), a ênfase desse modelo curricular seria questionar não o “que”, mas, o “porque” desse conhecimento e não outro? Quais interesses por que esse conhecimento e não outro [...]? Porque privilegiar um determinado tipo de identidade ou subjetividade e não outro?

São questionamentos que buscam compreender o currículo sob uma perspectiva ideológica e seletiva, porque ao selecionar, leva em conta as ideias da classe dominante que são permeadas por atos ideológicos, ao crer que o discurso daquela classe é o discurso universal, e ao fazer isso acabam por classificar determinado conteúdo e excluir outros.

Assim, as teorias críticas estão impregnadas em relações de ideologia, poder, capitalismo, classe social, etc. Veiga Neto (2002), também dialoga com esse posicionamento ao afirmar que preocupação dessa teoria estava centrada na questão de o que ensinar, quais conteúdos são mais relevantes e que devem fazer parte dos currículos escolares.

É exatamente isso que as teorias críticas procuram compreender, levando em conta que nessa teoria o currículo é basicamente uma construção social. Além disso,

Para elas, o conhecimento não é igualmente distribuído pelos sistemas escolares. Ao contrário, e talvez mais importante: é (também) pela distribuição assimétrica desses conhecimentos que a escola reproduz as assimetrias sociais e econômicas. (VEIGA NETO, 2002, p.43).

Sabemos que a ideologia está impregnada em diversos aspectos da sociedade, até mesmo o nosso linguajar, pois, como salienta Reis (1992), a linguagem é também uma forma de hierarquizar e conceber mecanismos de poder, uma vez que somos levados a crer nas ideologias da classe dominante. Através da dominação social, os privilegiados impõem aquilo que eles consideram como “real”, como se fosse a única verdade, transformando o discurso de uma classe em discurso de toda a sociedade.

Com o currículo também ocorre isso, visto que ao ser elaborado, este por sua vez, passa pelo processo de seleção/exclusão. Por isso que, é por meio do currículo, que as escolas, assim como as instituições, agem de forma ideológica. Sobretudo porque, “[...] a ideologia atua de forma discriminatória: ela inclina as pessoas das classes subordinadas a submissão e a obediência, enquanto as pessoas das classes dominantes aprendem a comandar e a controlar.” (SILVA, 2011, p.32). Nessa lógica, as classes menos favorecidas, são “obrigadas” a seguirem as ideologias impostas pelos detentores do poder, já que geralmente eles controlam e dominam a sociedade.

Por outro lado, de acordo com Silva (2011), as teorias pós-críticas, também impregnadas de ideologia e poder, procuram enfatizar que poder e conhecimento são dependentes e não se opõem. Nestas, o currículo é uma questão de identidade, subjetividade, diferença, alteridade, etc, visto que está intrinsecamente envolvido nos processos de formação, os quais são responsáveis pelo que nos tornamos e somos. Logo, ele forja nossa identidade, interpolando-nos socialmente, politicamente e culturalmente.

Na maioria das vezes, por exemplo, no âmbito escolar sobressaem as obras que fazem parte do cânone literário e conteúdos próximos do cotidiano de alunos da classe dominante. Ao fazer isso, muitos dos alunos da escola básica, oriundos de escola pública, classe social baixa, aqueles que se encontram a margem da sociedade, etc, não se vêem representados por esse currículo, por isso, acabam perdendo sua identidade, ao serem moldados pela grade curricular.

Quando se trata da cultura popular, percebemos que, na maioria das vezes os saberes populares não são bem vistos na escola, sobretudo, por estarem relacionados aos menos favorecidos. Como critica Arantes (2010), ao salientar que a concepção de “cultura popular”, está veiculada aos interesses políticos e as ideias ideológicas da sociedade dominante, levando a entender que as pessoas das classes desfavorecidas não têm cultura, já que o termo “popular” está relacionado ao conceito de “povo”. É o que acontece com os textos populares que fazem parte do cotidiano de muitos educandos, pois é comum pedir uma produção e os alunos perguntarem se podem fazer um cordel, uma quadra popular, por ser algo familiar,

porém muitas vezes, eles mesmos não conhecem nem sequer a historicidade do gênero favorito, pois, aparentemente, há pouca abordagem desta no meio escolar.

Abordo essa questão, porque também sou fruto desse sistema escolar, desde criança tive contato com a cultura popular, a começar pelos valores, crenças, costumes e hábitos populares, bem como ouvindo, lendo, ou recitando os cordéis, os contos populares, as quadras. Porém, ao chegar à escola, deparei com uma realidade bastante distante da minha, praticamente quase não ouvia falar dessas linguagens artísticas, pelo contrário havia uma abordagem incessantemente com a literatura clássica, devo ressaltar que esta foi e ainda é de grande importância para meu intelecto, pois ampliou os conhecimentos e permitiu conhecer belíssimas obras clássicas, as quais tenho grande admiração.

Mas, agravou em mim um sentimento de desprezo pelo que é popular por parte daqueles detentores do poder. E, apesar de ser encantada, principalmente pelo cordel, muitas vezes sentia angustiada por não sentir a literatura popular naquele ambiente, nunca consegui entender a pouca discussão em torno dela e sempre questionava devido a importância atribuída a ela. Júlia, participe desta pesquisa, também dialoga com esse pensamento ao afirmar que,

A importância da literatura popular no ensino talvez esteja muito além da literatura clássica, pois ela faz parte de uma grande parcela da população brasileira, e porque não dizer mundial, que muitas vezes não reconhece por falta de conhecimentos e oportunidades nesse sentido. (relato escrito, 2017)

Assim, aquele conhecimento de mundo que a priori deveria ser ampliado no âmbito escolar, acaba ficando esquecido, no meu caso, está sendo ampliado agora por meio dos estudos que contemplam esta pesquisa.

É interessante ressaltar que não estou desfavorecendo e nem desvalorizando o cânone literário, nem desaprovando a matriz curricular, mas, sobretudo, propondo uma reflexão quanto à valorização da diversidade cultural, social e política que precisa ser expandida, não basta apenas citarem as literaturas, é preciso enfatizá-la de maneira apropriada e contextualizada. Por isso que, Arantes (2010) afirma que o conceito de cultura deve ser pensado de forma plural, pois todo povo deve desenvolver sua cultura, não somente a elite, uma vez que todos têm seu conhecimento cultural que é passado de geração para geração.

Nesse sentido, destaco que não há uma única literatura, mas sim várias, tais como, Literatura Marginal, Literatura Negra, Literatura Clássica, Literatura Popular, Literatura de rua, enfim, uma diversidade que subdivide em tipologias e particularidades próprias. Com

base nisso, ao indagar os sujeitos da pesquisa se o currículo do curso de Letras aborda a literatura de forma universal ou se prioriza demasiadamente um tipo específico, obtive as seguintes respostas,

[...] é visível que a literatura clássica é priorizada no curso de letras, tendo em vista que temos a maioria das disciplinas se debruçam sobre o estudo da mesma. Enquanto isso as demais literaturas ainda não tem o espaço merecido, a exemplo podemos citar a própria biblioteca que apresenta vários exemplares da literatura clássica e um numero pequenos de livros das demais literaturas. Como trabalhei com a literatura popular no trabalho de conclusão de curso, observei a dificuldade para trabalhar com essa temática, pois a disciplina que trata sobre os textos populares é bem restrita, não oferecendo conhecimento suficiente para adquirir informações relativas a esse tipo de literatura. Mesmo havendo uma proposta interdisciplinar é possível observar que ela não contempla o ensino da literatura popular. (VERA, relato escrito, 2017)

[...] acredito que o currículo do curso de Letras prioriza sim certos tipos de literatura, pois já que há essas subdivisões, que todas fossem abarcadas de igual tamanho, assim possibilitaria aos graduandos não apenas o conhecimento de todas, como também a oportunidade de trabalhar dentro das diferentes tipologias, conforme o desejo de cada um. Percebemos isso por conta da deficiência de materiais nas universidades e até mesmo pela falta de profissionais em algumas áreas da literatura. (JÚLIA, relato escrito, 2017)

[...] Fica nítido, ainda, que na universidade a literatura popular se conceitua no que ela é em si, sem explorar este conceito que lhe modela. O aluno é o maior prejudicado, formará, se é que podemos dizer em formação, um sujeito despreparado para assumir a profissão, e o estudo da literatura continuará na mesmice de sempre. (ANA, relato escrito, 2017)

[...] na grade curricular do curso, é notório a prevalência do estudo de determinadas literaturas em detrimento de outras. Isto é, observamos que bem mais da metade da carga horária disponibilizada para o estudo da literatura é reservada para as chamadas literaturas clássicas, sendo que as literaturas consideradas desprestigiadas pela crítica literária são pouco trabalhadas. Desta forma, ainda há prioridade a certos tipos de literatura nos cursos de Letras. (NILZA, relato escrito, 2017)

O currículo do nosso curso aborda a literatura priorizada; ele utiliza como foco principal as que são cobradas e exigidas por lei nas escolas de ensino fundamental e médio. Como a sociedade ainda é machista tem determinadas literaturas que não podem nem devem ser mencionadas nas escolas. Portanto, de forma indireta o nosso curso acaba excluindo alguns tipos de literatura só pelo facto de acharem que é não tem importância para o aluno. (DAIANE, relato escrito, 2017)

As respostas acima apontam que há uma grande inquietação por parte dos sujeitos da pesquisa, postulando aquilo que venho discutindo ao longo deste trabalho, mediante a ideia de

que há uma abordagem maior a literatura clássica, enquanto que as outras literaturas, principalmente, a popular são poucas ou nem são vistas no currículo do curso de Letras.

É notório perceber que os relatos apontam atitudes angustiantes e diria até revoltantes, pois, de acordo com eles, a matriz curricular do curso não dá suporte para o profissional ensinar, por exemplo, sobre os saberes populares e o que resultará em “*um sujeito despreparado para assumir a profissão, e o estudo da literatura continuará na mesmice de sempre.*” (Ana). Até mesmo a biblioteca conta com poucos exemplares de pesquisa sobre esse tema, levando em conta as dificuldades enfrentadas pelos alunos, ao pesquisar sobre, tendo que recorrer a outras fontes. Vale destacar, também, a falta dessa abordagem nos eventos que ocorrem na instituição, são raríssimos os que abordam sobre a temática.

Silva (2011, p. 150), ainda postula sobre as teorias curriculares afirmando que “depois das teorias críticas e pós-críticas, não podemos mais olhar para o currículo com a mesma inocência de antes. O currículo tem significados que vão muito além daqueles aos quais as teorias tradicionais nos confirmaram.” Por isso que, é viável refletir sobre ele, na sociedade contemporânea, levando em conta a história e o contexto de hoje.

No entanto, é notório perceber que o currículo é elaborado dessa forma devido este fazer parte de uma sociedade capitalista em que o poder, o capital é que prevalece. Por isso que,

O conhecimento corporificado no currículo carrega as marcas indelévels das relações sociais de poder. O currículo é capitalista. O currículo reproduz culturalmente- as estruturas sociais. O currículo tem um papel decisivo na reprodução da estrutura de classes da sociedade capitalista. O currículo é um aparelho ideológico do Estado capitalista. O currículo transmite a ideologia dominante. O currículo é em suma um território político. (SILVA, 2011, p.147-148)

Posto isso, entendo que por ser aparelho ideológico do Estado capitalista, é de se esperar que ele fosse, realmente, reproduzir essa ideologia dominante. E reforçar somente aqui que lhe convém, fazendo jus ao que ao que o capitalismo propõe.

Porém, acredito que para quebrar os paradigmas impostos pela sociedade capitalista, é necessário que pensemos em um currículo em que haja um diálogo com as culturas, que saiba respeitar e valorizar a diversidade de conhecimentos existentes. Além disso, cabe, também, ao professor ter consciência disso, pois,

[...] pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, á escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das

classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária -, mas também, [...], discutir com os alunos na razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 2015. p, 31)

Para esse autor, essa seria uma oportunidade, por exemplo, de o professor aproveitar as experiências que os alunos que moram em bairros descuidados pelo poder público têm, para discutir a poluição dos riachos e dos córregos e os riscos que oferecem a saúde das pessoas. Não partindo de uma realidade que está longe deles, como a dos centros urbanos.

Aproveitando desse fato, exemplifico o contexto do ensino da literatura, podemos questionar o currículo tanto da escola básica como o universitário: porque não aproveitam dos textos populares para discutir e conhecer sobre o mundo da literatura popular? Sabendo que ao fazer isso exemplifica a realidade de muitos alunos, bem como aguça a curiosidade de eles produzirem seus escritos, valorizando os elementos a sua volta.

Portanto, acredito que o currículo necessita atuar de maneira interdisciplinar, em que haja diálogo entre os componentes curriculares, para que o conhecimento seja articulado e não fragmentado. Por ser um espaço de sujeitos, implicado em relações de poder, o currículo, por sua vez, tem o papel central de organizar o trabalho escolar, conectar com as questões da sociedade, bem como trabalhar com diferentes visões sociais e produzir as identidades dos sujeitos.

3.2 Formação docente: reflexão, autonomia e consciência crítica

No mundo contemporâneo, é mais que importante priorizar uma formação reflexiva, crítica e autônoma dos alunos, outrora, acredito que por meio do ensino de literatura, essa formação se concretiza, tendo em vista a gama de possibilidades que ela contempla, seja no despertar do senso crítico, da autonomia, do hábito da leitura, produção oral/escrita, enfim, inúmeras habilidades e competências que são adquiridas por meio do texto literário.

Bem como uma formação ampla, diversificada e integradora nos aspectos: social, cultural, político e étnico-racial. Além disso, o universo literário permite também uma preocupação com a formação do professor, pois “*um professor sem conhecer a literatura, é como se fosse um livro sem páginas, ou seja, incompleto, vazio.*” (ANA, relato escrito, 2017), já que esta amplia seus conhecimentos para além daquilo que lhe compete.

De acordo com Gatti (2010, p.1355) “[...] a formação de docentes para o ensino das ‘primeiras letras’ em cursos específicos foi proposta no final do século XIX com a criação das Escolas Normais. [...]” Essas escolas, inicialmente, contemplavam o ensino secundário e

depois ao Ensino Médio, importantíssimas, pois os cursos que estas ofereciam, visavam especificamente à formação do professor. Ainda de acordo com essa autora,

É no início do século XX que se dá o aparecimento manifesto da preocupação com a formação de professores para o “secundário” (correspondendo aos atuais anos finais do ensino fundamental e ao ensino médio), em cursos regulares e específicos. Até então, esse trabalho era exercido por profissionais liberais ou autodidatas, mas há que considerar que o número de escolas secundárias era bem pequeno, bem como o número de alunos. (p.1356).

O professor é umas das peças-chave do processo educativo, por isso que é necessário pensar a sua formação. Se no século XX, já se preocupava com a formação docente, ainda mais agora, tendo em vista a complexidade do mundo contemporâneo que exige dele uma prática diversificada, autônoma e contemplativa dos saberes inerentes aos educandos.

Tardif e Lessard (2005, *apud*, Gatti, 2010, p.1375) dialogam com a mesma ideia ao afirmarem que “o magistério não pode ser colocado como uma ocupação secundária. Ele constitui um setor nevrálgico nas sociedades contemporâneas, uma das chaves para entender as suas transformações. [...]” É necessário, então, que o docente, por sua vez, seja fruto de uma formação que aprecie o multiculturalismo e possibilite ser reflexivo, crítico e democrático, frente a uma sociedade individualista e excludente, para que o lecionar não seja um mero transmissor de conteúdos, mas um mediador do processo ensino-aprendizagem. Como nos diz Freire (2015), o ato de ensinar não é e nem resume em transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para própria construção ou produção deste.

Nesse sentido, é que Moreira (2001, p. 2), nos afirma que “não se pode pensar currículo sem se pensar o professor e a sua formação.” Visto que ambos estão entrelaçados, o professor precisa seguir o currículo, ser formado e reformado por ele. E, posteriormente, lecionar seguindo também por esse sistema, já que ele é o caminho do saber.

Nessa sociedade capitalista e supressora, é perceptível o reconhecimento do professor como o responsável por todo processo educativo, toda responsabilidade recai sobre ele quando algo não ocorre de maneira correta, principalmente quando o prejudicado é o aluno. De acordo com Tardif (2014), os professores no âmbito escolar ocupam uma posição extremamente fundamental em relação aos outros profissionais, já que no exercício de sua profissão com os alunos, eles são os principais atores e mediadores da cultura e dos saberes escolares.

Mas, na maioria das vezes, este ser tão importante, não participa das decisões escolares. O que se torna até contraditório e de certa forma angustiante, concebendo assim, em uma desvalorização dos saberes docentes, pois,

[...] se quisermos que os professores sejam sujeitos do conhecimento, precisamos dar-lhes tempo e espaço para que possam agir como atores autônomos de suas próprias práticas e como sujeitos competentes de sua própria profissão. (TARDIF, 2014, p.243)

O currículo precisa dar “liberdade” ao docente, para que este possa ser um intelectual autônomo, reflexivo e crítico. Um articulador que lutará em prol das causas dos oprimidos, não permitindo que as ideologias dos detentores do poder continuem sendo impostas.

Daí a importância de tanto no Ensino Básico como no Superior pensarem em uma proposta de currículo que seja interdisciplinar, que seja diversificada, considerando que há uma pluralidade de sujeitos que faz parte e que estes, precisam ser inseridos em sua realidade, para que possam refletir e agir frente às mudanças culturais, políticas, econômicas e sociais. Posto isso, é extremamente importante

[...] pensar currículo e formação de professores em uma sociedade cada vez mais multicultural, em uma sociedade em que a pluralidade de culturas, etnias, religiões, visões de mundo e outras dimensões das identidades infiltra-se, cada vez mais, nos diversos campos da vida contemporânea. (MOREIRA, 2001, p.3)

Vivemos num mundo de várias culturas, etnias, religiões, identidades, etc. Cada uma delas precisa de espaço, de ser vista, priorizada e relevante. Por isso não tem sentido priorizarmos somente uma delas, mas universalizá-la para que o ambiente escolar seja um espaço de várias vozes. E se tratando do profissional habilitado em Letras, é necessário ao concluir o curso que esteja apto a ensinar e a lidar com as literaturas, podendo assim estabelecer relações com os acontecimentos culturais, políticos, sociais, históricos e étnico-raciais.

Estes pensamentos impulsionam pensar a formação docente a partir da noção de pluralidade e de diversidade, como salienta Tardif (2014, p.18),

[...] O saber dos professores é plural, compósito, heterogêneo, porque envolve, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e um saber-fazer bastante diversos, provenientes de fontes variadas e, provavelmente, de natureza diferente. [...]

Nessa perspectiva, o docente necessita ter uma atitude reflexiva, interdisciplinar, ser um articulador do processo de construção e apropriação do conhecimento, não deixando de seguir o currículo, o qual norteará sua prática. Sendo que, como nos mostra o projeto pedagógico do curso, o profissional formado em Letras precisa desenvolver diversas competências e habilidades, entre elas, está a de “proceder a análises do texto literário, estabelecendo a conexão entre a literatura e os acontecimentos étnico-raciais, sociais, históricos, políticos e culturais.” (p. 134). Assim, fazer uso do texto literário na sala de aula, não só permite ao aluno conhecer o que a literatura oferece, mas, acima de tudo, ser humanizado e transformado pela sua relação com os acontecimentos que os cercam.

Ao instigar os sujeitos participantes desta pesquisa sobre a importância dos saberes literários para os educandos, bem como para o professor de Língua Portuguesa, obtive as seguintes respostas:

O ensino da literatura é muito importante, pois através do mesmo é possível desenvolver habilidades importantíssimas relativas ao ensino de língua como a interpretação, a leitura e a produção textual. É notório que o aluno que possui um repertório literário vasto apresenta facilidade para adquirir tais habilidades. Para que o ensino de literatura tenha realmente significado, é preciso que o professor de língua portuguesa possua saberes literários. A partir disso, o mesmo além de apresentar e mais facilidade para mediar a aulas de literatura pode incentivar os alunos a buscarem as obras literárias enriquecendo, desta forma, o repertório leitor dos seus educandos. (VERA, relato escrito, 2017)

[...] Enquanto professora de Língua Portuguesa, percebo como é relevante os alunos terem contato com o saber literário. Isso faz com que o aluno se desenvolva bem não só na disciplina de língua portuguesa como as demais, pois a partir do momento que consegui compreender e interpretar os tipos de gêneros literários ele interage esse conhecimento para os demais colegas e familiares e até mesmo com as disciplinas curriculares. (DAIANE, relato escrito, 2017)

[...] Através do ensino da literatura, o indivíduo participa diretamente da sociedade em que vive ao mesmo tempo em que se torna mais atuante e evolui como tal. Saber literatura enquanto professor de língua portuguesa é de extrema importância, pois assim conhecendo estará preparado para mediar esses conhecimentos, ao mesmo tempo em que sente cada vez mais instigado para buscar tantas respostas que a própria literatura pode nos fornecer. (JÚLIA, relato escrito, 2017)

[...] Extremamente relevante, lamento até mesmo a inobservância das coordenações pedagógicas acerca deste tema, afinal de contas, muito mais que formar indivíduos munidos de um saber formal, científico, a leitura literária promove uma formação social, crítica e cidadã, um dos mais importantes papéis da escola. (PAULO, relato escrito, 2017)

Considero importante sim, pois através do contexto literário, o professor pode dinamizar sua aula, diversificar de forma interdisciplinar ou em sequencia didática e inseri-la em vários conteúdos gramaticais. Então a literatura tem a finalidade oferecer não só aos professores como também aos alunos, uma vasta possibilidade de conhecimentos e expansão de sua imaginação, abrindo novos leques de pensar e interagir com o meio. (BEATRIZ, relato escrito, 2017)

O ensino de literatura é primordial para o alunado, em todas as esferas, desde mesmo o ensino primário. Pois permite que aluno, já desde pequenos busque o gosto pela leitura, devido à literatura ser diversa e provocante. [...] O professor é o norteador da literatura, para o alcance do aluno, é preciso saber mediar para cativar o aluno, a adrentar neste universo de possibilidades. (ANA, relato escrito, 2017)

[...] o ensino de literatura é de suma importância, uma vez que se constitui como um mecanismo fundamental para a construção da visão crítica e reflexiva da realidade. A literatura, sendo um meio de manifestação artística do homem tem como finalidade recriar o real, exprimir emoções e ideologias estabelecidas no mundo. Através dela, o ser humano apresenta o mundo, fatos ocorrentes e questões sociais. Além disso, o ensino de literatura pode contribuir para a formação do gosto pela leitura, pois é um momento oportuno para que os alunos tenham conhecimento e contato com as obras literárias. (NILZA, relato escrito, 2017)

Essas falas são pertinentes, no sentido de afirmar a relevância de um currículo que aborde a literatura, pois esta é sim um veículo de conhecimento que propaga a Língua Portuguesa, que contribui para o censo crítico e para o despertar da autonomia, porque esta provém de saberes essenciais aos educandos. Já que através dela “*é possível desenvolver habilidades importantíssimas relativas ao ensino de língua, como a interpretação, a leitura e a produção textual. É notório que o aluno que possui um repertório literário vasto apresenta facilidade para adquirir tais habilidades*” (Vera). Além disso, “*se constitui como um mecanismo fundamental para a construção da visão crítica e reflexiva da realidade, bem como, pode contribuir para a formação do gosto pela leitura.*” (Nilza)

Os relatos apontam, também, para uma mediação favorável do docente, em que este tenha pleno domínio dos saberes literários. Porque “*o professor é o norteador da literatura, para o alcance do aluno, é preciso saber mediar para cativar o aluno, a adrentar neste universo de possibilidades.*” (Ana). Daí a necessidade de uma formação contemplativa e que o docente ao atuar em sala de aula tenha o domínio e saiba despertar no aluno o gosto pela literatura. “*A partir disso, o mesmo além de apresentar mais facilidade para mediar a aulas de literatura pode incentivar os alunos a buscar as obras literárias enriquecendo desta forma o repertório leitor dos seus educandos*” (Vera).

Além disso, é viável também que aconteça no processo de ensino-aprendizagem relação professor-aluno, pois ambos fazem parte de um contexto em que os saberes ao ser divididos se multiplicam e ao multiplicar se expandem, havendo assim diálogo entre as partes, cuja tendência é a troca de conhecimentos. Assim,

É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 2015. p, 25)

Nesse sentido, ao adentrar na sala de aula, o professor precisa contribuir de maneira significativa com aprendizagem dos alunos, e estes por sua vez, possam tornar sujeitos autônomos, reflexivos, críticos e consciente do papel que desempenham na sociedade, para exercer a cidadania e enfrentar os desafios da contemporaneidade.

Segundo Cosson (2006), é papel do professor, partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura.

Assim, para consolidar a autonomia do aluno, através da literatura, é preciso que o professor seja resultado de uma formação em que a literatura seja ensinada de maneira diversificada, incluindo com maior autenticidade outras literaturas e, especialmente, a popular, (no caso do referido curso), visto que “ensinar inexiste sem aprender e vice-versa, e foi aprendendo socialmente que historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar”. (FREIRE, 2015. p, 25-26).

Desse modo, um docente que teve um conhecimento fragmentado sobre literatura popular, poderá ensinar sobre esse assunto de maneira fragmentada, ou simplesmente ignorá-la por não ter conhecimento aprofundado do mesmo, caso este não seja reflexivo, interdisciplinar, autônomo e diversificado. Nessa perspectiva, no capítulo seguinte, discuto especificamente, sobre a análise das ementas da área de literatura, na organização curricular da Licenciatura em Letras, destacando a abordagem clássica e popular.

4.0 O Clássico e o Popular sob o olhar do ementário do curso de Letras

4.1 Os discursos que nos atravessam e nos constituem...

O curso de Licenciatura em Letras e Literaturas é norteado por algumas concepções basilares, são elas: língua/linguagem, leitura, escrita e oralidade, as quais constituem o ensino de língua portuguesa e são importantes para a vida social, pois são práticas inerentes do cotidiano de qualquer pessoa. Desta forma, capacita o graduando para o exercício profissional docente e para a integração na sociedade. (NILZA, relato escrito, 2017)

A epígrafe que abre este capítulo nos instiga a pensar sobre a formação docente para o ensino de Língua Portuguesa e suas Literaturas. Leva-nos, também, a questionar: de que formação estamos falando? Ela está, de fato, formando para as exigências do mundo contemporâneo? Assim, nesta parte busco tecer algumas considerações a partir da análise da organização do ementário do curso de Licenciatura em Letras da UNEB, Campus VI, Caetité.

Penso que o profissional formado em Letras é realmente privilegiado, pois lida de forma cotidiana com algo precioso e enriquecedor que é a linguagem, nosso instrumento de comunicação. Além disso, permite usar e brincar com as palavras de diversas formas seja através da escrita ou da leitura, de um bilhete, uma carta, um artigo, um trabalho científico, monográfico, etc.

Desse modo, por se tratar de um curso de formação de professores, espera-se que o profissional adquira habilidades e competências inerentes a essa formação, ao passo que interaja com ensino, pesquisa e extensão e dialogue com a multiplicidade de saberes que o ofício de professor exige.

Mediante essas questões pertinentes atribuídas ao curso, é viável analisarmos como se organiza o ensino da literatura na matriz curricular do curso de Letras. Para tanto, essa seção contempla um dos objetivos deste trabalho que é averiguar como a Literatura Clássica e Literatura Popular são trabalhadas nas ementas do currículo da Licenciatura em Letras Campus VI em Caetité.

Seguindo os desdobramentos da Lei 5.692/71, o curso em Letras, em Caetité, foi criado em 1983, como o título de Licenciatura Curta em Letras, objetivando contemplar a formação de professores de Língua Portuguesa. Após quase 10 anos de atuação, foi reformulado nos anos de 1990, e passa a funcionar como Licenciatura plena em Letras com habilitações em Língua Portuguesa e Língua Inglesa.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico, o curso de Licenciatura Plena em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas⁴, do Departamento de Ciências Humanas da UNEB, Campus VI, em Caetité, foi reconhecido pela portaria ministerial nº743, de 25 de junho de 1997. Ainda de acordo com o seu PPC, o curso objetiva “formar profissionais interculturalmente competentes, capazes de lidar, de forma crítica, com as linguagens, especialmente a verbal, nos contextos, oral e escrito, e conscientes de sua inserção na sociedade e das relações com ou outro.” (UNEB, PPC do Curso de Letras, p. 130).

Além disso,

[...]. Deve ter o domínio do uso da língua ou das línguas que sejam objeto de seus estudos, em termos de sua estrutura, funcionamento e manifestações culturais, além de ter consciência das variedades linguísticas e culturais. Deve ser capaz de refletir teoricamente sobre a linguagem, de fazer uso de novas tecnologias e de compreender sua formação profissional como processo contínuo, autônomo e permanente. A pesquisa e a extensão, além do ensino, devem articular-se neste processo. [...] deve, ainda, ter capacidade de reflexão crítica sobre temas e questões relativas aos conhecimentos linguísticos e literários. (UNEB, PPC do Curso de Letras, p. 130).

Ainda, segundo o Projeto do referido curso, o currículo que direciona as ações, foi implantado e redimensionado em 2004, quando a UNEB, objetivando ressignificar a formação docente, reformulou os currículos dos cursos de Licenciatura, através das orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais, aprovadas pelo CNE em 2002, sendo, a partir desse momento denominado **de Currículo Redimensionado (Implantação)**. Já em 2007, a matriz curricular sofreu ajustes, alterando a carga horária de 3.280 para 3.320 e passou a ser designado de **Currículo Redimensionado com ajustes**, com integralização em oito semestres (mínimo) e 14 semestres (máximo). Atualmente, oferta 30 vagas, somente no turno vespertino.

Ao longo dos oito semestres, os alunos são contemplados com temas norteadores que de maneira interdisciplinar são articulados e desenvolvidos do 1º ao 8º semestres. São eles: **Linguagem e Significação, Linguagem e Ideologia, Múltiplas Linguagens, Linguagem e Sociedade, Linguagem e História, Linguagem e Cultura, Linguagem e Ciência** e por último, **Linguagem e Ensino**. Percebemos, assim, que a linguagem é fio condutor de todo o processo de formação dos alunos, numa relação com os aspectos culturais, sociais, históricos, científicos e educacionais.

⁴ Desde 1991 o curso era denominado de Licenciatura de 1º grau em Letras, a partir de 1994 é que oficialmente foi convertido para Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas.

4.2 O que dizem as ementas curriculares do curso de Letras Campus VI Caetité?

A matriz curricular do curso de Letras é organizada com mais de cinquenta componentes curriculares, os quais são distribuídos em blocos ao longo dos oito semestres. Esses componentes contemplam os principais aspectos da formação: literatura, formação docente, língua/Linguagem. Segundo o documento curricular do curso, os fixos não podem deixar de serem ofertados, apenas remanejados de um semestre para outro. Porém, os adicionais possibilitam a escolha, por parte do aluno, daqueles componentes que mais interessam na sua área de estudo (na realidade isso não acontece, pois geralmente é o colegiado, o responsável por essa escolha), com carga horária mínima, geralmente de 30h ou 45h.

Essas disciplinas são ofertadas no decorrer dos semestres, tendo em vista, as demandas de cada período. As descrições do conteúdo das disciplinas são especificadas em planos de curso que contém a ementa da disciplina, objetivos, conteúdos, metodologia, recursos, avaliação e referências. Assim, com o intuito de ter uma melhor compreensão a respeito do ensino de literatura, analisei oito ementas do curso. O critério de seleção se deu por meio da escolha dos componentes com ênfase na literatura, haja vista o objeto de estudo desta pesquisa. Dos oito componentes analisados, sete são obrigatórios e um é adicional, sendo este o único que trata da literatura popular.

Ao analisar as ementas, algo que chamou bastante atenção, foi que os questionamentos, hipoteticamente apontados no início desta pesquisa, começavam a fazer sentido, pois os componentes obrigatórios praticamente estão direcionados para abordagem da literatura clássica. Constatei, ainda, que existem algumas disciplinas, que abordam mais especificamente outros tipos de literaturas, como por exemplo, a Literatura Africana, a Literatura indígena, e a Literatura Popular (isto é, Estudos dos textos Populares), mas apenas como componente adicional, isso significa que, nem todos os profissionais graduados em Letras tiveram ou terão o contato diretamente com essas literaturas, talvez apenas um ou outro professor cite algumas delas no decorrer das aulas, porém com esse formato curricular, jamais serão abordadas de forma abrangente.

As disciplinas analisadas postulam as seguintes ementas,

Componente: Estudo da Produção Literária no Brasil: estudo da produção literária brasileira, considerando o contexto sociocultural, histórico e estilístico dos textos selecionados para compreender a questão da identidade nacional em suas diferentes concepções, bem como a dialética, localismo X universalismo.

Componente: Cânones e Contextos na Literatura Brasileira: estudo de obras e autores cuja permanência se sustenta na reiteração de leituras e revisões críticas ao longo do tempo, tendo em vista o contexto sócio-cultural.

Componente: Tradição e Ruptura em Literaturas de Língua Portuguesa: estudos das formas diferenciais de tradição formal e/ou civilizatória nas literaturas de língua portuguesa, bem como as forças históricas, sociais e estéticas que motivaram suas rupturas sejam elas internas e/ou externas ao sistema literário.

Componente: Cânones e Contextos na Literatura Portuguesa: estudo de obras e autores portugueses cuja permanência se sustenta na reiteração de leituras e revisões críticas ao longo do tempo, tendo em vista o contexto sócio-cultural.

Componente: Estudo da Ficção Brasileira Contemporânea: estudo seletivo de autores, obras e questões relevantes para a compressão de ficção contemporânea brasileira.

Componente: Literatura: Crítica, História, Cultura e Sociedade: estudo dos conceitos de crítica e história, relacionados ao conhecimento da teoria, tendo em vista também a história dos fatos e valores socioeconômicos, políticos e culturais numa perspectiva contemporânea que compreenda a literatura como fenômeno da cultura e como prática social, relacionada aos diversos campos do saber e da arte, numa abordagem intertextual e interdisciplinar.

Componente: Aspectos da Literatura Portuguesa: reflete sobre aspectos que norteiam o universo literário português, tanto em relação às formas narrativas quanto às formas poéticas. Enfoque de questões como o agenciamento mútuo entre passado e presente, o tratamento crítico de arquétipos e mitos, a busca de identidade cultural, a singularização da linguagem enquanto produtividade dinâmica de sentidos, entre outras.

Com base nessas ementas, verifiquei que tanto na abordagem da Literatura Portuguesa como da Brasileira há certa prioridade para a abordagem clássica. Todas as ementas analisadas trazem um discurso que a contempla de forma excessiva, inclusive, os objetivos, os conteúdos e as referências bibliográficas refere especificamente a categoria classicista.

Foi possível perceber que o ensino de literatura aborda a priori a historicidade, a cultura, o contexto sociocultural, os textos, os autores da classe dominante. Logo, a literatura Popular, que faz parte do cotidiano de grande parte dos alunos do curso, e que nos incita a valorizar e a contemplar as raízes nordestinas, a cultura, os gostos, os costumes, os artistas baianos, etc, raramente é incluída no currículo e quando faz parte, não é considerada como uma disciplina obrigatória, sendo ofertada apenas como componente adicional.

Quanto à ementa que contempla a literatura popular, lemos o seguinte no PPC:

Componente: Estudos de Textos Populares: estudo da literatura de cordel e outras produções literárias afins, numa perspectiva de compreensão de suas matrizes e do seu desenvolvimento, analisando aspectos subjacentes dos diversos textos.

Na teoria, essa demanda teria que ser cumprida, mas por ser apenas de 45 horas, na maioria das vezes (quando ofertada), a carga horária não é suficiente, para contemplar aspectos mais relevantes desse componente, tendo em vista a sua completude, e talvez nem o básico. Para os sujeitos desta pesquisa,

O estudo da literatura popular é muito limitado, uma única disciplina ainda não é o suficiente para abarcar todas as esferas desse gênero literário. Isso ocorre em decorrência da maior abordagem dada à literatura considerada clássica, ou seja, prevalece a especificidade do conhecimento no curso em detrimento da proposta interdisciplinar. (NILZA, relato escrito, 2017)

[...] Com relação ao ensino da literatura popular, o que tem sido trabalhado, até por conta da carga horária reservada a esta, é apenas o seu conceito, não havendo, portanto, um aprofundamento no sentido de compreender a amplitude em que se encontra a literatura popular, que eu creio ser e estar em todos os âmbitos da sociedade. (JÚLIA, relato escrito, 2017)

[...] A literatura popular é vasta e rica e somente uma disciplina não conseguiria contemplar a grandiosidade desta literatura. [...] Não se trata de colocar a parte a literatura Clássica, mas sim, organizar as disciplinas de modo que os graduandos possam passear por diversos ramos da literatura. (BIANCA, relato escrito, 2017)

A partir desses relatos questiono: como o docente irá ensinar esse tipo de literatura, sendo que em toda sua formação não teve contato com ela? Como trabalhar com a diversidade, quando o professor a desconhece todas ou algumas de suas particularidades? O que fazer quando pedir para um aluno produzir ou apresentar um texto e ele perguntar pode ser um cordel, uma música, ou um conto popular?

Além de ser uma disciplina adicional, quando ofertada a carga horária é curta, o que não é suficiente para o profissional desenvolver competências e habilidades para, posteriormente, lecionar sobre o ensino dessa disciplina, às vezes configura não como um estudo sobre, mas uma abordagem simplória a respeito.

Discuto com prioridade essa questão porque também tive a oportunidade de experienciar essa realidade, pois, no decorrer do curso, o contato com tanta literatura clássica, gerou uma inquietação constante pela falta de outras literaturas, especialmente a popular, com

a qual sou encantada e aos poucos essa realidade foi distanciando cada vez mais. Felizmente, no quinto semestre, o tão esperado componente, foi inserido na matriz, porém a abordagem foi bastante limitada, não dando tempo o professor nem sequer explicar sobre o gênero cordelista.

Percebo que essa angústia não configura apenas na minha concepção, os partícipes desta pesquisa também concordam com essa questão, pois, ao serem interrogados se o ensino de literatura no curso de Letras dá suporte necessário para o professor trabalhar com a literatura popular obtive, as seguintes respostas:

[...] o curso dá prioridade à Literatura Clássica, uma vez que são os livros que mais lemos, desde a infância dando continuidade até o ensino superior. [...] a começar por colocá-la como uma disciplina adicional e com uma carga horária insuficiente para contemplar o estudo dos textos, além disso, sempre há os empecilhos e impedimentos que acabam não valorizando a literatura popular assim como seu ensino. (BEATRIZ, relato escrito, 2017)

A literatura popular tem pouco espaço no currículo educacional, percebemos com clareza quando falamos sobre essa literatura com alguém da área de letras, notamos sua estranheza sobre o assunto. O que se percebe é que não temos suporte necessário para trabalhar tal literatura, uma vez que pouco vemos na universidade e noto ainda um certo desinteresse entre os próprios professores universitários em trabalhar a literatura popular. (PATRÍCIA, relato escrito, 2017)

Acredito que não dá total suporte, uma disciplina somente, em um semestre. Muita coisa não é estudada, fica somente na fala do professor, o aluno nem se quer vai lê uma obra, fazer uma dramatização, escrever um cordel ou um poema. [...] (ANA, relato escrito, 2017)

[...] apesar de muitos professores do curso terem incentivado e introduzido a literatura de diversas áreas em nossas vidas, percebo que pouco conhecemos os livros literários brasileiros e até mesmo baianos. Faltou mais incentivo na busca do conhecimento desta literatura. [...] (DAIANE, relato escrito, 2017)

O tempo do curso e o estudo fatídico de textos teóricos (infelizmente necessários) limita o estudo da literatura. Sem contar que se prestigia o estudo dos cânones, deixando aquém literaturas também importantes, como a literatura cordelística, os cadernos negros, etc. [...] É evidente que a própria instituição se encarrega de deixar à margem o estudo da literatura popular. [...] quando há pesquisas que tenham como temática a Literatura Popular, falta profissional para orientar. Isso só reforça a cultura de valorização do cânone e uma certa indiferença a tudo o que não se encaixa nele.[...] Mas por conta da conduta alienatória de supervalorização de uma literatura clássica, muito trabalho legal deixa de ser apreciado. (BIANCA, relato escrito, 2017)

Os discursos acima evidenciam que há uma enorme carência dos textos populares na Universidade, especificamente na licenciatura em Letras, devido a três fatores principais: a prioridade dos textos clássicos; a desvalorização e desinteresse pela literatura popular no meio educacional; e a formação do corpo docente pelo tema.

Sendo assim, o primeiro fator baseia-se na preferência pelos textos clássicos porque geralmente, no meio educacional, faz bastante uso do cânone literário, cujos textos passaram pela crítica textual. São vistos como excelentes e viáveis, e são na verdade, mas não são os únicos, por isso que, ao fazer isso, *“se prestigia o estudo dos cânones, deixando alguém literaturas também importantes como a literatura cordelística, os cadernos negros, etc.”* (Bianca). Por essa razão,

Ao selecionar um texto, o professor não deve desprezar o cânone, pois é nele que encontrará a herança cultural de sua comunidade. Também não pode se apoiar apenas na contemporaneidade dos textos, mas sim em sua atualidade. Desse modo precisa aplicar o princípio da diversidade. [...]. (COSSON, 2016, p. 34)

Além disso, é perceptível que *“o curso dá prioridade a Literatura Clássica, uma vez que são os livros que mais lemos, desde a infância dando continuidade até o ensino superior* (Beatriz). Na maioria das vezes, o nosso repertório de leituras é composto muito mais de obras clássicas do que as não-clássicas, justamente por não conhecermos com propriedade outros tipos.

A desvalorização e desinteresse pela literatura popular no meio educacional, de acordo com os participantes da pesquisa, configuram como o segundo fator, pois, esta não é devidamente valorizada como deveria ser, *“a começar por colocá-la como uma disciplina adicional e com uma carga horária insuficiente para contemplar o estudo dos textos, além disso, sempre há os empecilhos e impedimentos que acaba não valorizando a literatura popular assim como seu ensino.”* (Beatriz).

Também, a pouca inserção dos textos populares é responsabilidade da Universidade, *“é evidente que a própria instituição se encarrega de deixar à margem o estudo da literatura popular”*. (Bianca). Por conta disso, a *“literatura popular tem pouco espaço no currículo educacional, percebemos com clareza quando falamos sobre essa literatura com alguém da área de letras, notamos sua estranheza sobre o assunto.”* (Patrícia)

Como último fator, temos a formação do corpo docente, não menos importante, porém essencial, sobretudo, por se tratar de uma licenciatura, que visa formar professores para o exercício da profissão na respectiva área de atuação. Assim, apoio na fala de Patrícia, ao dizer

que “*não temos suporte necessário para trabalhar tal literatura, uma vez que pouco vemos na universidade e noto ainda um certo desinteresse entre os próprios professores universitário em trabalhar a literatura popular. E quando há pesquisas que tenham como temática a Literatura Popular, falta profissional para orientar.*”

Os relatos acima evidenciam a importância do professor para o incentivo no estudo e pesquisa sobre a literatura popular. É necessário um corpo docente que ensine e inspire seus alunos a valorizar os elementos ao redor, bem como trabalhar com a diversidade, com a inovação, pois, “as obras precisam ser diversificadas porque cada uma traz apenas um olhar, uma perspectiva, um modo de ver e de representar o mundo.” (COSSON, 2006, p.35). Isso se torna imprescindível, uma vez que é a partir da formação na universidade que os professores desempenham suas funções na escola básica. Se não aprenderam sobre a literatura popular, como utilizarão estes textos em suas salas de aula?

Nesse sentido, acerca da formação docente, Gatti (2010, p.1375) nos alerta,

No que concerne à formação de professores, é necessária uma verdadeira revolução nas estruturas institucionais formativas e nos currículos da formação. As emendas já são muitas. A fragmentação formativa é clara. É preciso integrar essa formação em currículos articulados e voltados a esse objetivo precípua. A formação de professores não pode ser pensada a partir das ciências e seus diversos campos disciplinares, como adendo destas áreas, mas, a partir da função social própria à escolarização – ensinar às novas gerações, o conhecimento acumulado e consolidar valores e práticas coerentes com nossa vida civil.

Diante disso, vejo que a formação de professores ainda precisa ser discutida, mais que isso, precisa ser revolucionada para que a fragmentação seja reduzida e quem sabe um dia ser superada. Mas só será possível, se articular e elaborar, de fato, um currículo interdisciplinar que contemple as diversidades.

4.3 A importância e a contribuição da Licenciatura em Letras

A Licenciatura em Letras, apesar de precisar repensar em algumas questões, como a que venho discutindo, é um curso extremamente relevante, porque contribui em todos os aspectos, seja pessoal, intelectual, acadêmico e profissional. Os depoimentos dos sujeitos da pesquisa confirmam esse posicionamento,

Considero o curso de extrema relevância no que diz respeito à maioria das disciplinas apresentadas, tendo contribuído para formar não apenas profissionais da área de letras, como também, formar cidadãos críticos e reflexivos. Mas como discutido nos questionamentos anteriores o currículo parece estar ultrapassado no sentido de incorporar as nossas bases históricas e culturais a fim de proporcionar maior conhecimento e inserção no nosso próprio meio social. (JÚLIA, relato escrito, 2017)

[...] o curso não supre com todas as necessidades para a formação de um profissional habilitado, acredito que sua finalidade se baseia em conceitos e alguns métodos que venha a ser significativos e possam dar certo em sala de aula. Entretanto, um dos pontos relevantes é saber que não tem uma formula pronta, uma receita que dará certo com todas as escolas e turmas que passar, porém temos que ser dinâmicos e ir a cada dia em busca de conhecimentos, de maneira que possamos fazer com que nossos alunos não fiquem acomodados esperando tudo pronto, é preciso incitá-los a buscar, a pesquisar e sem dúvida alguma a pensar. (BEATRIZ, relato escrito, 2017)

Preparou-me para a vida acadêmica, deixando espaços livres de pesquisa, contribuiu para minha vida profissional e pessoal. (VITÓRIA, relato escrito, 2017)

O curso de Licenciatura em Letras e Literaturas de Língua Portuguesa para a formação de um profissional habilitado devem contribuir para que possamos levar de forma mais clara o que aprendemos durante o curso e posso dizer que muito contribuiu para minha formação [...]. (PATRÍCIA, relato escrito, 2017)

Como profissional habilitado em Letras e Literaturas de Língua Portuguesa, o curso foi de grande relevância para a minha formação, uma vez que a cada aula adquiri conhecimento e aprimorei (já atuava como professora durante a graduação) a minha prática enquanto docente. (BIANCA, relato escrito, 2017)

Com base nesses relatos, constatei que o curso de Letras é importante para a região, sendo de extrema relevância para a formação dos graduandos, uma vez que, na visão deles, prepara “*para a vida acadêmica, deixando espaços livres de pesquisa, contribui ‘para a vida profissional e pessoal; adquire ‘conhecimentos’, aprimora ‘a prática docente’ e tem ‘contribuído para formar não apenas profissionais da área de letras, como também, formar cidadãos críticos e reflexivos.’*”

É evidente, também, que ainda carece de mudanças, principalmente na sua organização curricular, conforme posiciona Júlia, quando diz que “*o currículo parece estar ultrapassado no sentido de incorporar as nossas bases históricas e culturais a fim de proporcionar maior conhecimento e inserção no nosso próprio meio social.*”.

Na visão de Cosson (2009), o ensino

[...] precisa aplicar o princípio da diversidade entendido, para além da simples diferença entre os textos, como a busca da discrepância entre o conhecido e o desconhecido, o simples e o complexo, em um processo de leitura que se faz por meio da verticalização de textos e procedimentos. (p.34-35)

Desse modo, ao aplicar o princípio da diversidade, com a verticalização dos textos e procedimentos, em que o conhecido dialogue com o desconhecido e o simples com o complexo, o clássico com o popular, irá contemplar não só a elite, mas também os “sem voz”, os marginalizados, os excluídos, os invisibilizados. Como atesta Freire (2015), “qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionantes a enfrentar. [...] saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber” (p. 59-60).

É necessário entender e agir frente a essas demandas sabendo “*que não tem uma formula pronta, uma receita que dará certo com todas as escolas e turmas,*” pois cada, ambiente formativo possui suas peculiaridades, que devem ser levadas em conta, por isso “*temos que ser dinâmicos e ir a cada dia em busca de conhecimentos, de maneira que possamos fazer com que nossos alunos não fiquem acomodados esperando tudo pronto, é preciso incitá-los a buscar, a pesquisar e sem dúvida alguma a pensar.*” (Beatriz).

Sendo assim penso que, é necessário que a formação docente contribua para a construção de indivíduos ativos que não se acomodem, mas que busque sempre inovar sua prática e agir de maneira reflexiva e plausível mediante a realidade. Não basta descobrir o erro e persistir nele, porém através dele encontrar o acerto e experienciá-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude das grandes transformações do mundo contemporâneo, bem como os grandes desafios da educação, em especial os do Ensino Superior, é necessário que pesquisa seja um ato essencialmente viável e corriqueiro. Acredito que, através da pesquisa, podemos encontrar respostas e/ou soluções para problemas que estão instalados nos meios educacionais, e, se não refletirmos sobre eles, poderão continuar danificando e fragmentando a formação dos discentes.

Nessa perspectiva, os dados e as análises produzidos ao longo do desenvolvimento desta pesquisa permitiram uma compreensão sobre o ensino da Literatura Clássica e Popular no currículo da Licenciatura em Letras Língua Portuguesa do Campus VI/ Caetité.

Assim, os resultados apontam que o ensino de literatura é extremamente importante para a formação de sujeitos críticos, autônomos, reflexivos e atuantes para a transformação da sociedade. A literatura possibilita uma gama de sentidos expostos em um único texto, porque ela é dinâmica, rica e ativa. Além disso, foi possível certificar que não basta ensinar literatura priorizando determinado tipo, mas contemplá-la em suas diversas tipologias, levando em conta a pluralidade de sujeitos que atuam no meio educacional.

Foi possível constatar que o currículo da Licenciatura em Letras Língua Portuguesa, não dá o suporte necessário para o professor trabalhar com a literatura popular, pois não apresenta uma abordagem abrangente do tema, visto que há apenas um componente curricular, ofertado como adicional, o que significa que nem todos os graduandos têm a oportunidade de estudá-lo.

Além disso, a pouca inserção dos textos populares na matriz curricular, ocorre pelo fato de haver certa prioridade para uma determinada abordagem de literatura em detrimento de outras. Como os resultados apontam, no caso especificamente do curso pesquisado, há prioridade no ensino da Literatura Clássica, pois esta é supervalorizada, praticamente quase todas as ementas da matriz curricular contribuem para a sua consolidação.

Nesse contexto, a não ou a pouca inclusão da Literatura Popular no currículo universitário proporciona uma apropriação/construção fragmentada do conhecimento, pois em se tratando de um curso de formação docente, em que o profissional habilitado na área, exercerá a docência, principalmente, na Educação Básica, é importantíssimo que sua formação seja contemplativa e diversificadora, cujo objetivo principal seja formar profissionais competentes e comprometidos com o ensino da Língua Portuguesa e as respectivas Literaturas.

A formação do docente deve possibilitar a construção de competências e habilidades, entre elas, a de “proceder análises do texto literário, estabelecendo a conexão entre a literatura e os acontecimentos étnico-raciais, sociais, históricos, políticos e culturais.” (UNEB, PPC do Curso de Letras, p. 134) Por isso, acredito que o ensino da Literatura Popular deve ser disciplina obrigatória do referido curso, porque ela estabelece relação com a vivência de muitos alunos oriundos das classes populares e seu ensino desperta o interesse e autonomia para produzir suas próprias histórias.

A partir das análises realizadas, em consonância com os relatos dos participantes da pesquisa, foi possível verificar que mesmo o curso investindo com ênfase na literatura, por questões ideológicas, ainda prioriza determinado tipo de texto literário em detrimento de outros. Em síntese, o currículo oferecido pelo curso apresenta atributos fragmentários, quanto ao ensino de literatura, posto que, é composto de um conjunto de disciplinas que abordam prioritariamente os conteúdos da literatura Clássica, não dando margens a outras, inclusive a Popular, no caso específico da região onde está localizado o curso analisado, a literatura popular do Nordeste e do Alto Sertão da Bahia.

No entanto, vale ressaltar que, em nenhum momento, a proposta deste trabalho contribuiu para a desvalorização da Literatura Clássica, pelo contrário, prioriza-se aqui a multiplicidade de saberes. Sobretudo, fazer uso da diversidade literária, uma vez que os educandos precisam ter o contato com textos mais complexos e estabelecer o diálogo com textos que fazem parte do cotidiano. Assim, a formação amplia o conhecimento literário e valoriza os elementos que fazem parte da cultura em que os alunos estão inseridos e os textos populares, sem dúvida, contemplam esse princípio.

Os resultados da pesquisa indicam também a necessidade de reformulação da matriz curricular e das ementas da área de literatura, dando mais ênfase a outras literaturas como a africana, a indígena e a popular, principalmente por ser nordestina do Alto sertão da Bahia. Dado que esta grade foi reformulada em 2007, já se passaram 10 anos, logo os sujeitos já não são os mesmos e as demandas da formação no mundo contemporâneo são outras.

Desse modo, este trabalho contribui para minha formação pessoal, acadêmica e profissional, pois como nos diz o grande Heráclito de Éfeso, “o homem não pode banhar-se duas vezes no mesmo rio”, porque na segunda vez que isso ocorrer, nem o rio nem o homem serão mais os mesmos. Sobretudo porque é impossível passar por um processo de leitura e escrita instigante e desafiador e sair vazio, sem houver um crescimento intelectual e profissional, pois a produção e/ou apropriação do conhecimento é como um rio que nunca se

esgota, pelo contrário, a cada estudo realizado, a cada leitura feita e a cada escrita concluída amplia mais e mais a formação do sujeito.

Bem como, para a melhoria dos processos formativos da Universidade nos cursos de Licenciatura, visando à valorização e o respeito à diversidade do nosso país, principalmente a cultural, para que possamos conhecer, explorar e valorizar nossas riquezas, ao invés de privilegiar modelos padronizados, que na maioria das vezes não nos representam.

Por último, aponto que a escolha pelo curso de Letras se deu como uma atitude de conhecimento e valorização a essa licenciatura que está implantada no Departamento de Ciências Humanas - Campus VI Caetité, desde 1983, configurando como um curso de grande importância para a região.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M; SUASSUNA, L. **O ensino de literatura na educação básica: da crise da perspectiva tradicional ao desenvolvimento de novos paradigmas metodológicos.** Pau dos Ferros, 2013. Disponível em: <http://periodicos.uern.br>. Acesso em: 01/11/17.
- ANDRÉ, Marli Eliza. **A abordagem qualitativa de pesquisa.** In: Etnografia da prática escolar. Campinas. São Paulo, 1995.
- ARANTES, Antônio Augusto. **O que é Cultura Popular.** 14ª Edição. São Paulo. Editora Brasiliense, 2010. [p.1-70].
- CÂNDIDO, Antônio. **O Direito à Literatura.** In: Vários Escritos. Ed.2. Cidades, 1995.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** 1ª. Ed.3ª reimpressão. São Paulo. Contexto, 2009.
- COSTA, Mauro A.; FINDLAY, Eleide Abril Gordon; GUEDES, Sandra Paschoal Leite de Camargo. **Guia para elaboração de projetos de pesquisa.** SC: UNIVILLE, 2006. [26p].
- COUTINHO, Afrânio. **Introdução a literatura no Brasil.** 17ª ed. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2001.
- EAGLETON, Terry. **Introdução: o que é literatura.** In: Teoria da literatura: uma introdução. Tradução Waltensir Dutra. (Biblioteca universal) Título original: Literarytheory. 5ª ed. Martins Fontes. São Paulo, 2003. [p. 1-22]
- FACEMA. **Catálogo da ABNT: NBRs vigentes: trabalhos acadêmicos científicos.** Organizado por Conceição Boavista. Assessoria Técnico-Científica. Caxias: MA, 2013. [135p]. Disponível: <https://bibbc1.wixsite.com/bemb/normas-abnt>. Acesso em 27/11/2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa.** 51ª Ed. Paz e terra. Rio de Janeiro, 2015.
- _____. **Pedagogia do oprimido.** 58ª Ed. Paz e terra. Rio de Janeiro, 2014.
- GATTI, Bernardete. A. **Formação de Professores no Brasil: Características e Problemas.** Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas. Campinas, 2010. [p.1355 a 1376]. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 15/10/2017
- HALL, Stuart. **A identidade em questão.** In: A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 11 ed. Rio de Janeiro, 2006. [p.7-22]
- HAURÉLIO, Marco. **Breve história da Literatura de cordel.** São Paulo: Claridade, 2010.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** 1ª. Ed. Objetiva. Rio de Janeiro, 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. ed. Atlas. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://docente.ifrn.edu.br/>. Acesso em: 12/11/2017.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 12ªed. Editora Atlas. São Paulo, 2014.

MOÍSES, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 7ª ed. Editora Cultrix. São Paulo, 1995.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. **Currículo, cultura e formação de professores**. Educar em revista. Curitiba, 2001. [p-1-14]. Disponível em: <http://www.scielo.br/>. Acesso em: 05/11/2017

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa- características, usos e possibilidades**. FEA-USP. São Paulo, 1996.

PEREIRA, Priscila. **O currículo e as práticas pedagógicas**. Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva. Itapeva SP, 2014. [p.1-36]. Disponível em: <http://fait.revista.inf.br/>. Acesso em: 25/10/2017.

REIS, Roberto. **Cânon**. In: JOBIM, Y.L. (org.). Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992. [p.65-92]

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. Colaboradores José Augusto de Souza Prates. (et al). Atlas. São Paulo, 1999.

SCHMIDT, Elizabeth Silveira. **Currículo**: uma abordagem conceitual e histórica. Universidade Estadual de Ponta Grossa- UEPG. Ponta Grossa, 2003. [p.59-69]. Disponível em: <http://www.ceap.br/material/>. Acesso em: 10/10/2017.

SILVA, Ivanda Maria Martins. **A literatura no ensino médio**: quais os desafios do professor? In: Português no ensino médio e formação do professor. Clécio Bunzen, Márcia Medonça (orgs). Angela B. Kleiman [et al]. Parábola Editorial. São Paulo, 2006. [p. 83-102]

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3ª Edição. 2ª reimpressão. Editora Autêntica. Belo Horizonte, 2011.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17 ed. Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2014.

UNEB. **Projeto Pedagógico do Curso de Letras**. Universidade do Estado da Bahia- Departamento de Ciências Humanas, Campus VI, Caetité, 2007.

VEIGA-NETO. Alfredo. **De geometrias, currículo e diferença**. Educação e Sociedade, ano XXIII, Nº 79. Porto Alegre, 2002. [p. 163-186]. Disponível em: <http://www.scielo.br/>. Acesso em: 20/10/2017.

_____. **Cultura e Currículo**. Contrapontos- ano 2- n.4. Itajaí, 2002. [p.43-52]. Disponível em: <http://siaiap32.univali.br/>. Acesso em: 16/10/2017.

Apêndice

QUESTIONÁRIO

Prezado (a) Colaborador (a),

Este questionário, com 13 questões, faz parte da pesquisa intitulada: **SOB O OLHAR DO CURRÍCULO E DOS DISCENTES: a literatura clássica e a literatura popular na Licenciatura em Letras da UNEB**, e tem como objetivo principal *compreender como a organização curricular da Licenciatura em Letras na Universidade do Estado da Bahia, Campus VI – Caetité/BA concebe a literatura clássica e a literatura popular, identificando suas influências na formação docente*. Assim, solicito a sua especial colaboração no sentido de responder às questões apresentadas a seguir com atenção. As informações prestadas terão o anonimato garantido e serão fundamentais para a conclusão deste estudo que tem a pretensão de contribuir para a melhoria dos processos formativos da Universidade nos cursos de Licenciatura.

Grata pela colaboração!

I. Caracterização do participante:

1. Sexo () Masculino () Feminino
2. Idade _____ anos
3. Já concluiu o curso? () sim () Não.
4. Se a resposta foi não, em que semestre está matriculada (o)? _____

II. Experiência Literária:

5. O ensino da literatura é importantíssimo no espaço Educacional/institucional, pois, através deste, o ser humano conhece suas origens, a cultura e os costumes da vida em sociedade, possibilitando o indivíduo ir além do imaginário, perpetuados por uma incessante busca de conhecimento sobre si e sobre o mundo que o rodeia. Você concorda com essa afirmação? Justifique.
6. Você considera importante o ensino de literatura? Qual a relevância do saber literário enquanto professores de Língua Portuguesa? Por quê?
7. O curso de Letras tem como alvo explorar as potencialidades da literatura, suas particularidades e tipologias. Sendo assim, mediante as aulas assistidas durante o curso, as abordagens metodológicas e os conteúdos literários trabalhados, você considera que foram

suficientes para preencher as lacunas (deixadas pelo fragmentados Ensino Fundamental e Médio) do currículo de um profissional habilitado em Letras? Por quê?

8. Sabemos que não há uma única literatura, mas sim várias, tais como, Literatura Marginal, Literatura Clássica, Literatura Negra, Literatura Popular, Literatura de Rua, enfim, uma diversidade, que na verdade, deveria ser apenas uma coisa só, mas subdivide em tipologias e particularidades. Com base nessa afirmação, e de maneira sucinta, expresse seu ponto de vista sobre a seguinte questão: o currículo do curso de Letras aborda a Literatura de forma universal ou prioriza demasiadamente um tipo de literatura? Justifique sua resposta.

9. Como você vê a abordagem da Literatura Clássica e da Literatura Popular no curso de Letras? Há relação entre ambas?

10. Considerando a importância, a abrangência e o significado do currículo, é notório que este seja elaborado pensando nos sujeitos que serão contemplados, uma vez que ele deve conter uma proposta interdisciplinar, em que haja diálogo entre as áreas de conhecimento. Dessa forma, o ensino de literatura no curso de Letras e Literaturas de Língua Portuguesa, dá suporte necessário para o professor trabalhar com a literatura popular, visto que só há uma disciplina que contempla os textos populares e ainda como componente adicional? Justifique sua resposta.

11. Se partirmos do princípio de que o conteúdo deve partir da realidade do aluno e que o profissional de Letras precisa lidar com a literatura de maneira global, afim de que possa estabelecer relações com os acontecimentos culturais, políticos, sociais, históricos e étnico-raciais, então é viável que os textos populares, assim como os clássicos também façam parte do currículo. Você concorda com esse posicionamento? Qual a importância do ensino da Literatura Popular para os educandos, levando em conta que esta é oriunda do nosso querido Nordeste?

12. Como você define Literatura Clássica e a Literatura Popular.

13. Aponte a relevância e a contribuição da Licenciatura em Letras e Literaturas de Língua Portuguesa para a formação de um profissional habilitado no referido curso.

Obrigada pela contribuição!